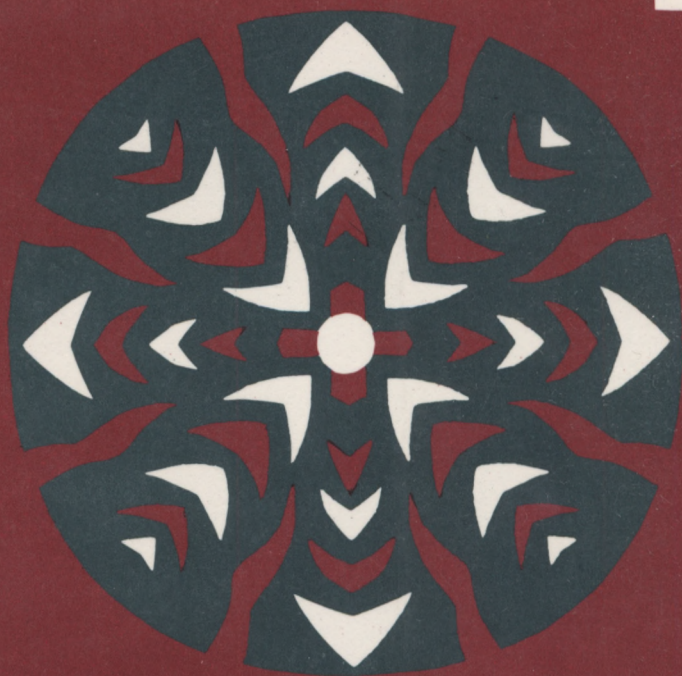


CONTOS
POPULARES



URRANOS

CONTOS POPULARES UCRANIANOS

COM MANDALAS DE WIRA WOWK

COMPANHIA BRASILEIRA DE ARTES GRÁFICAS
RIO DE JANEIRO
1983

Seleção e prefácio: Wira Selanski

**Tradução e adaptação do Ucrâniano: Wira Selanski e
Theresia de Oliveira**

Série VERTÉP:

- 1. Ghryghory Skovorodá: FÁBULAS**
- 2. Tarás Chewtchenko: O SONHO**
- 3. Iván Frankó: MOISÉS**
- 4. Vassyl Stefanyk: CRUZ DE PEDRA**
- 5. Léssia Ucrainka: DON JUAN**
- 6. CONTOS POPULARES UCRANIANOS**

Capa: WW

© Wira Selanski

PREFÁCIO

Os contos populares constituem um rico patrimônio da Ucrânia. No princípio, eles viviam no meio do povo, durante séculos, como literatura oral, passando de avós a pais e filhos, sofrendo o processo de lenta transformação. Suas raízes foram mitos que, quando mais antigos, possuíam elementos mais atrozes, pois que nasceram em tempos heróicos, no meio de lutas pela sobrevivência. Esta característica, aliás, é bem visível também em outras literaturas orais dos povos europeus. Com a estabilização nacional, os contos tornam-se mais brandos, até líricos.

Foi o Romantismo que acordou o mundo para a valorização da arte anônima popular. Na Ucrânia, M.M. Maksymovytch, com sua ANTOLOGIA DE CANTOS UCRANIANOS, Kiev, 1849 e A. Metlynsky, com CANTOS POPULARES UCRANIANOS, Kiev, 1854, deram início à fixação do imenso tesouro oral.

Entre as mais valiosas fontes de literatura oral épica nós deparamos com as de I. Rudtchenko: CONTOS UCRANIANOS POPULARES, Kiev, 1870; P.P. Tchubynsky: OBRAS DA EXPEDIÇÃO ETNOGRÁFICO-ESTATÍSTICA À UCRÂNIA, vol. II, São Petersburgo, 1878; B.D. Ghrintchenko: MATERIAIS ETNOGRÁFICOS, vol. III, Tchernyghiw, 1899; entre as edições mais recentes: M. Vozniák: CONTOS POPULARES UCRANIANOS, Kiev, 1945 e Gh.S. Sukhobrús: CONTOS POPULARES UCRANIANOS, Kiev, 1951.

P.P. Tchubynsky divide as narrativas populares ucranianas nos seguintes grupos:

— Contos míticos com elementos de crenças antigas. Estes podem servir como fonte para o estudo da mitologia eslava. Parte deles serve, até os dias presentes,

como matéria de credices populares. Estes contos quase nunca possuem caráter didático, raramente são humorísticos. Guardam, antes, um tom épico com escassos elementos de lirismo. O povo os escuta sério, tranqüilo, acreditando que tudo isso era possível e que pode ainda acontecer.

— Contos de costumes, com freqüentes elementos humorísticos ou lúdicos, às vezes de caráter didático;

— Contos míticos com personificação de elementos da Natureza (sol, lua, mar etc.);

— Contos sobre animais, com presença de sátira político-social;

— Contos heróicos, com freqüente presença de dragões;

— Contos sobre espíritos (bons e maus);

— Contos sobre espíritos bons e maus com aparência humana, que surgem em circunstâncias especiais;

— Contos sobre a personificação dos conceitos abstratos (= alegorias), tais como o destino, a boa sorte, etc.;

— Contos sobre transformações. Em alguns casos, estas se dão por causa de maldição; em outros — as pessoas se transformam por vontade própria, sem causar o mal a ninguém.

Não pode haver uma classificação rígida do material colhido: algumas narrativas possuem uma mistura das características acima citadas.

Nos contos populares sentimos o caráter catártico vivo: pela fantasia, o povo ucraniano se libertava da sua realidade imediata, freqüentemente cruel e opressora, fugindo para um sonho que realizava seus anseios de justiça e felicidade. O número cabalístico três caracteriza estas criações: o príncipe atira três vezes, o herói encontra três obstáculos, ou deve realizar três trabalhos, sendo que o último é decisivo. Os elementos cristãos aparecem como verniz sobre assuntos de cunho pagão, mais antigo.

O presente trabalho tem por finalidade apresentar os variados grupos dos contos ucranianos populares que constituem um repertório colorido da literatura fantástica, amada pelos adultos e pelas crianças.

W. S.



A LUVA

Um velho perdeu uma luva. Correu um ratinho, entrou nela e ficou lá dentro. Eis que pula uma rã, perguntando:

— Quem mora nesta luva?

— Ratinho espertinho. E quem és tu?

— Rãzinha verdinha. Deixa-me entrar.

— Entra.

Eis que corre uma lebre.

— Quem está nesta luva?

— Ratinho espertinho e rãzinha verdinha. E quem és tu?

— Lebre corredeira. Deixai-me entrar.

— Entra.

Eis que corre uma raposa.

— Quem está dentro desta luva?

— Ratinho espertinho, rãzinha verdinha e lebre corredeira. E quem és tu?

— Irmãzinha raposinha. Deixai-me entrar.

— Entra.

E eles ficaram morando lá dentro. Eis que corre um lobo, perguntando:

— Quem está dentro desta luva?

— Ratinho espertinho, rãzinha verdinha, lebre corredeira e irmãzinha raposinha. E quem és tu?

— Irmãozinho lobinho. Deixai-me entrar também.

— Entra.

Eis que vem vindo o urso fungando e perguntando:

— Quem está dentro desta luva?

— Ratinho espertinho, rãzinha verdinha, lebre corredeira, irmãzinha raposinha e irmãozinho lobinho. E quem és tu?

— Urso peludo. Deixai-me entrar dentro da luva.
— Entra.
Eis que corre um javali: roc - roc - roc!
— Quem está dentro desta luva?
— Ratinho espertinho, rãzinha verdinha, lebre corredeira, irmãzinha raposinha, irmãozinho lobinho e urso peludo. E quem és tu?
— Javali dentuço. Deixai-me entrar dentro da luva.
— Entra.
Então ele se meteu no meio e todos ficaram morando lá dentro.
Eis que chega um caçador. Vendo a luva se mexer, ele atira! Vejam quantas peles ganhou numa só vez!

I. Rudtchenko: CONTOS UCRANIANOS
POPULARES, Kiev, 1870



O BARÃO GATÃO KOTZKY

Um homem tinha um gato velho, que nem prestava mais para apanhar ratos. Então o dono o levou para a floresta, pensando: "Este gato não serve mais, terei que alimentá-lo de graça. É melhor que ande pela mata". Deixou-o ali e foi embora. Eis que se aproximou dele uma raposa, perguntando:

— Que bicho és?

— Sou o Barão Gatão Kotzky.

A raposa lhe disse:

— Sê meu marido e eu serei tua mulher.

Ele concordou. A raposa o levou para sua casa e começou a lhe fazer agrados: ao apanhar uma galinha, não a comia sozinha mas levava para ele.

Um dia, o coelho viu a raposa e disse:

— Irmãzinha raposinha, vou pedir-te em casamento.

E ela lhe respondeu:

— Agora eu tenho o senhor Kotzky, ele vai te matar.

O coelho contou do senhor Kotzky ao lobo, ao urso e ao javali. Eles se reuniram e começaram a matutar como poderiam conhecer aquele senhor. Finalmente disseram:

— Vamos preparar um almoço!

Decidiram o que cada um devia arranjar. O lobo disse:

— Eu vou buscar carne para borchtch*.

O javali disse:

— Eu vou apanhar beterrabas e batatas.

O coelho:

— E eu — repolho.

— — — — —
* sopa de beterraba.

O urso:

— Eu trarei mel para a sobremesa.

Trouxeram tudo aquilo e começaram a cosinhar o almoço. Quando ficou pronto, aconselharam-se, quem deveria convidar o senhor Kotzky para o banquete.

O urso disse:

— Sou pesado demais para correr, se for o caso.

E o javali:

— Sou desengonçado.

O lobo:

— Já estou velho e não enxergo bem. O coelhinho tem que ir.

O coelho correu até a toca da raposa. Ela saiu à porta e, vendo o coelhinho sobre duas patas junto a sua casa, lhe perguntou:

— Por que vieste?

Ele respondeu:

— O urso, o lobo, o javali pediram e eu também peço a ti e ao senhor Kotzky para almoçar conosco!

— Eu irei com ele, mas vocês devem esconder-se, pois ele vai acabar com todos, — respondeu a raposa.

O coelho voltou correndo e avisou:

— A raposa disse que devemos esconder-nos, pois quando ele vier, vai estrangular a todos!

Todos se esconderam: o urso subiu na árvore, o lobo correu para trás de um arbusto, o javali enterrou-se embaixo dos gravetos, o coelho penetrou nas moitas. Eis que chega a raposa conduzindo o senhor Kotzky. Levou-o até a mesa, e ele, vendo a carne, miou:

— Ma-u!... Ma-u!... Ma-u!...

E os outros pensando: “O filho do demo está reclamando! Ele vai nos devorar também!”

O senhor Kotzky subiu na mesa e começou a se servir até arrancar os botões. Quando ficou saciado, estendeu-se sobre ela. O javali estava escondido nos gravetos perto dali. Um mosquito picou seu rabo que se mexeu. O gato pensou que era um rato e pulou agarrando o rabo do javali. Este se atirou correndo! O senhor Kotzky ficou assustado do javali e fugiu subindo na árvore, onde esta-

va sentado o urso. Quando este viu que o gato estava subindo em sua direção, subiu mais ainda, até que o galho não o sustentou e ele caiu pesado — direitinho sobre o lobo, quase arrebetando o pobre! Todos eles se lançaram em fuga, como nunca se viu! O coelho correu atrás deles, Deus sabe para onde...

Depois se reuniram e disseram:

— Vejam só: tão pequeno e pouco faltou que nos devorasse a todos!

M. Vozniák: CONTOS POPULARES
UCRANIANOS, Kiev, 1946



A CABRA BRIGUENTA

Era uma vez um velho e uma velha. O velho foi ao mercado e comprou uma cabra. Trouxe-a para casa e, no dia seguinte pela manhã, mandou seu filho maior apascentá-la. O jovem assim fez até a noitinha e depois foi levá-la para casa. Quando estava chegando, encontrou o velho, de botas vermelhas, junto ao portão, que perguntou:

— Cabrinha meiga, cabrinha querida! Será que bebeste e comeste?

— Não, vovozinho, não bebi, nem comi: corri pela ponte de carvalho, lambi uma gota de orvalho. Corri pelo bosque preto, belisquei uma folha de abeto. Só isso comi e bebi!

O velho ficou furioso com o filho que não tratava bem do animal e mandou-o embora de casa.

No dia seguinte, mandou o segundo filho para o pasto. O jovem apascentou a cabra até a noitinha, levando-a depois para casa. Quando estava perto, o velho, de botas vermelhas, se pôs ao portão, perguntando:

— Cabrinha meiga, cabrinha querida! Será que bebeste e comeste?

— Não, vovozinho, não bebi, nem comi: corri pela ponte de carvalho, lambi uma gota de orvalho. Corri pelo bosque preto, belisquei uma folha de abeto. Só isso comi e bebi!

O velho expulsou também este filho.

No terceiro dia mandou sua mulher apascentar a cabra. Ela a conduziu ao prado, apascentando-a o dia inteiro: à noitinha foi levá-la ao sítio, e o velho, de botas vermelhas, se colocou junto ao portão, perguntando:

— Cabrinha meiga, cabrinha querida! Será que bebeste e comeste?

— Não, vovozinho, não bebi, nem comi: corri pela ponte de carvalho, lambi uma gota de orvalho. Corri pelo bosque preto, belisquei uma folha de abeto. Só isso comi e bebi!

Então o velho mandou a velha embora.

No quarto dia foi ele mesmo apascentar a cabra. Apascentou-a o dia inteiro, e à noitinha a tocou para casa, levando-a até a estrada, enquanto que ele próprio seguiu através dos prados. Então, colocou-se, de botas vermelhas, ao portão, perguntando:

— Cabrinha meiga, cabrinha querida! Será que bebeste e comeste?

— Não, vovozinho, não bebi nem comi: corri pela ponte de carvalho, lambi uma gota de orvalho. Corri pelo bosque preto, belisquei uma folha de abeto. Só isso bebi e comi!

O velho ficou furioso e foi ao ferreiro, temperou a faca e começou a esfolar a cabra, mas ela lhe escapou e fugiu para a floresta. Lá, viu a casa da lebre — entrou e se escondeu em cima da lareira.

Chegou a lebre e, percebendo que alguém estava em casa, perguntou:

— Quem está na minha casa?

E a cabra respondeu de cima da lareira:

— Sou a cabra sem temor:

Por três mil réis comprada,

Meio esfolada,

Com os pés te pisarei,

Com os chifres furarei,

Com o rabo varrerei,

Eis o teu fim!

A lebrezinha assustou-se, correu e sentou-se embaixo do carvalho, chorando. Eis que chegou um urso e perguntou:

— Por que choras, lebrinha corredeira?

— Como não devo chorar, ursinho, se na minha casa está um terrível bicho?

— Eu o expulsarei — disse o urso. Foi até à casa:

— Quem está na casa da lebrinha?

E a cabra de cima da lareira respondeu:

— Sou a cabra sem temor:

Por três mil réis comprada,

Meio esfolada,

Com os pés te pisarei,

Com os chifres furarei,
Com o rabo varrerei,
Eis o teu fim!

O urso assustou-se.

— Não posso expulsar este monstro, tenho medo!

A lebrinha novamente sentou-se embaixo do carvalho, chorando.

Eis que chegou o lobo e perguntou:

— Por que choras, lebrinha corredeira?

— Como não chorar, irmãozinho lobinho: em minha casa está um terrível bicho!

— Eu o expulsarei!

— Que nada: o urso tentou, mas não conseguiu.

— Mas eu conseguirei!

Foi correndo até a casa, perguntando:

— Quem está na casa da lebrinha?

E a cabra de cima da lareira respondeu:

— Sou a cabra sem temor:

Por três mil réis comprada,

Meio esfolada,

Com os pés te pisarei,

Com os chifres furarei,

Com o rabo varrerei,

Eis o teu fim!

O lobo assustou-se.

— Não, lebrinha corredeira, tenho medo de expulsar aquele monstro!

A lebre de novo foi sentar-se embaixo do carvalho a chorar. Eis que correu uma raposa, viu a lebrinha e perguntou:

— Por que choras, lebrinha corredeira?

— Como não chorar, irmãzinha raposinha! Em minha casa está um bicho terrível!

— Eu o expulsarei, — disse a raposinha.

— Que nada, raposinha! O urso o quis expulsar e não conseguiu, o lobo também não, quanto mais tu.

— Eu o expulsarei. — Foi correndo até a casa.

— Quem está aqui na casa da lebrinha?

A cabra respondeu de cima da lareira:

— Sou a cabra sem temor:

Por três mil réis comprada,

Meio esfolada,
Com os pés te pisarei,
Com os chifres furarei,
Com o rabo varrerei,
Eis o teu fim!

Também a raposa assustou-se:

— Não, lebrinha corredeira, tenho medo de expulsar este monstro!

Foi a lebrinha, sentou-se embaixo do carvalho, chorando novamente. Eis que veio um caranguejo se arrastando e perguntou:

— Por que choras, lebrinha corredeira?

— Como não devo chorar, se em minha casa está um bicho terrível?

— Eu o boto fora — disse o caranguejo.

— Que nada! O urso tentou e não conseguiu, o lobo tentou e não conseguiu, a raposa tentou e não conseguiu, muito menos conseguirás tu!

— Mas eu conseguirei.

Foi o caranguejo até a casa e perguntou:

— Quem está na casa da lebrinha?

E a cabra de cima da lareira respondeu:

— Sou a cabra sem temor:

Por três mil réis comprada,

Meio esfolada,

Com os pés te pisarei,

Com os chifres furarei,

Com o rabo varrerei,

Eis o teu fim!

Mas o caranguejo foi se arrastando, arrastando, subiu na lareira e disse:

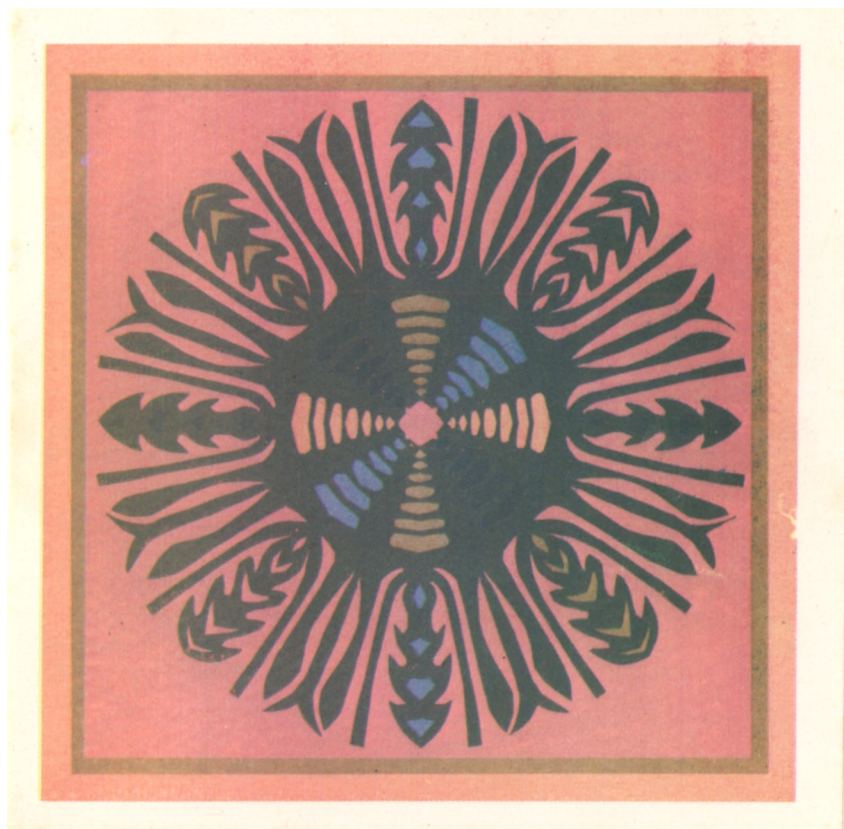
— Caranguejo caladão

Responde com beliscão!

E deu-lhe um medonho belisco! A cabra baliu, deu um salto da lareira e se mandou da casa, correndo.

A lebrinha, contente, entrou agradecendo ao caranguejo.

E foi vivendo dentro de sua casa.



O BEZERRINHO DE PALHA

Havia um velho e uma velha. O velho trabalhava na usina de piche e a velha ficava em casa, torcendo cânhamo. Os dois eram pobres, não tinham bens. O que ganhavam, gastavam com alimento, não sobrava nada. Eis que a velha começou a implicar com o velho:

— Faze para mim, velho, um bezerrinho de palha e passa-lhe piche por cima.

— O que estás dizendo, tola! Para que precisas desse bezerrinho?

— Faze, eu já-sei, para que.

O velho se rendeu: fez-lhe um bezerrinho de palha e passou-lhe piche por cima.

Passaram a noite. De manhã cedo, a velha pegou seu cânhamo e foi apascentar o bezerrinho de palha. Sentou-se embaixo de uma colina, fiando e cantarolando:

— Come, come o capim, bezerrinho, enquanto eu torço o cânhamo! Come, come o capim, bezerrinho, enquanto eu torço o cânhamo! — Assim, fiando o cânhamo, pegou no sono.

Eis que da grande floresta, da escura mata, corre um urso e pula em cima do bezerrinho:

— Quem és? Dize-me!

E o bezerrinho responde:

— Sou o bezerrinho, feito de palha, coberto de piche.

O urso lhe diz:

— Se és coberto de piche, dá-me um pouco para eu remendar minha anca rasgada!

O bezerrinho se calou, aí o urso pegou no seu lombo e começou a arrancar o piche. Arrancava, arrancava,

ficou grudado nele, não conseguiu tirar nada. Puxou, puxou — em vão! Arrastou o bezerrinho Deus sabe para onde! A velha despertou, e o bezerrinho tinha sumido.

— Ai, que desgraça! Onde está meu bezerrinho? De certo já voltou para casa.

Jogou o pente e o fuso rapidamente nas costas e foi para casa. Quando olhou, viu o urso da floresta puxar o bezerrinho para cá e para lá. Ela chamou seu velho:

— Velho, velho, o nosso bezerrinho trouxe um urso, vá matá-lo!

O velho correu para fora, arrancou o urso do bezerrinho e o trancou na adega.

Eis que na manhã seguinte, ao raiar do dia, a velha de novo pegou seu cânhamo e levou o bezerrinho para o pasto. Sentou-se embaixo da colina, fiando e cantando:

— Come, come o capim, bezerrinho, enquanto eu torço o cânhamo! Come, come o capim, bezerrinho, enquanto eu torço o cânhamo!

Assim, fiando o cânhamo, pegou no sono.

Eis que da grande floresta, da mata escura, corre para fora um lobo cinzento e pergunta ao bezerrinho:

— Quem és? Dize-me!

— Eu sou o bezerrinho feito de palha, coberto de piche.

— Se és coberto de piche, dá-me também um pouco para passar na minha anca, que foi rasgada pelos cachorros.

— Pega!

O lobo pegou logo no seu lombo, quis arrancar o piche. Arrancava, arrancava até ficar preso com seus dentes e não conseguia tirá-los: tentou, mas em vão. Quanto trabalho teve com este bezerrinho!

A velha despertou — o bezerrinho tinha sumido. Pensou:

— De certo meu bezerrinho se mandou para casa!

E foi também. Eis que vê o lobo puxando o bezerrinho para cá e para lá. Ela correu e disse ao velho e este trancou também o lobo na adega.

No terceiro dia, a velha foi novamente apascentar o bezerrinho: sentou-se embaixo da colina e pegou no sono. Eis que vem correndo uma raposa:

— Quem és? — pergunta ao bezerrinho.

— Sou o bezerrinho feio de palha, coberto de piche.

— Dá-me um pouco, queridinho, para botar na minha anca. Os cães de caça, filhos da cadela, quase me arrancaram a pele!

— Toma!

A raposa também ficou presa e não conseguiu de nenhum jeito arrancar os dentes do piche. A velha chamou o velho, e este jogou a raposa na adega. Depois pegaram ainda a lebre corredeira.

Quando já estavam tantos lá, o velho sentou-se em cima da tampa da adega e começou a afiar a faca. O urso lhe perguntou:

— Vovô, para que afias a faca?

— Para tirar tua pele e fazer dela casacos para mim e para a velha.

— Não me mates, vovozinho, deixa-me em liberdade, eu trarei para ti muito mel.

— Pois bem!

Liberou o ursinho e deixou-o correr. Sentou-se em cima da tampa da adega, novamente afiando a faca. O lobo lhe perguntou:

— Vovô, por que afias a faca?

— Para tirar tua pele e fazer uma boina quentinha para o inverno.

— Não me mates, vovozinho, eu te darei em troca um rebanho inteiro de ovelhas.

— Pois bem!

Deixou o lobo correr. Sentou-se, afiando a faca. A raposinha botou o focinho para fora e perguntou:

— Dize-me, por favor, vovozinho, para que afias a faca?

Ele respondeu:

— A raposinha tem uma pele bonitinha para o debrum e para a gola, quero tirá-la!

— Não tires minha pele, vovozinho, eu trarei para ti galinhas e gansos!

— Vê bem!

Ficou só a lebre. O velho começou a afiar a faca para matá-la. A lebrezinha perguntou e o velho respondeu:

— A lebrezinha tem uma pele fofinha e quentinha. Terei, no inverno, luvas e chapéu.

— Não me mates, vovozinho, eu trarei para ti fitas, brincos, colares de corais, só me deixa em liberdade!

Ele deixou também a lebrezinha correr.

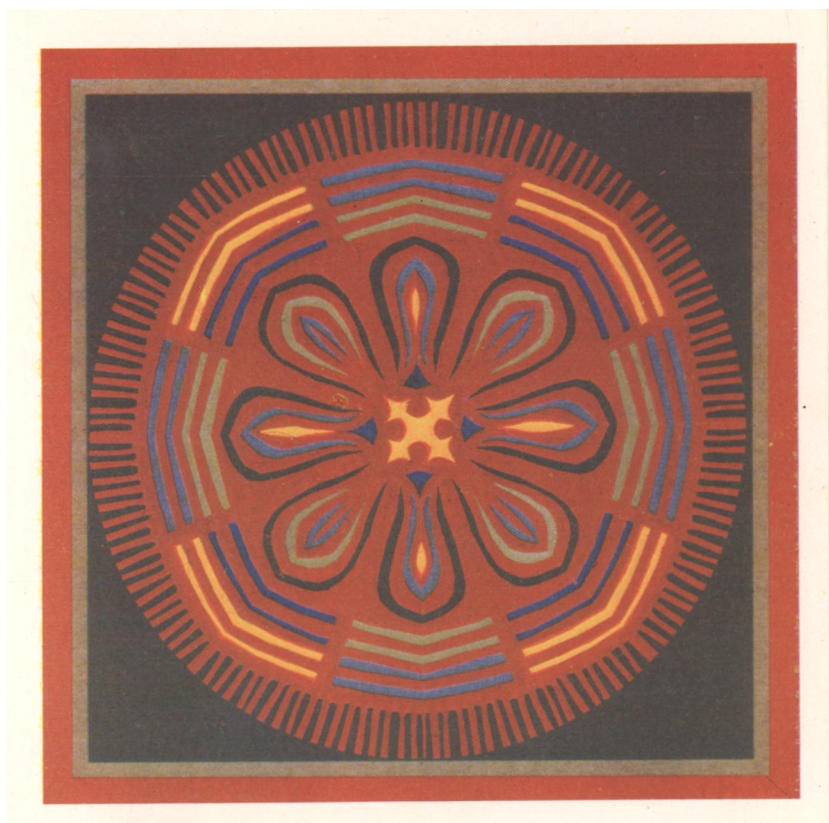
Passaram aquela noite, mas de manhã, ao raiar do dia — toc-toc! Alguém bate na porta dos velhos. A velha despertou:

— Velho, velho! Algo arranha a porta, vai ver!

O velho saiu: eis que o urso vem empurrando uma colméia cheia de mel! Mal o velho deitou-se novamente, de novo — toc-toc! Saiu e viu o lobo encher o pátio de ovelhas. Em breve a raposa trouxe gansos, galinhas e outras aves. A lebrezinha trouxe fitas, brincos, colares de coral. O velho ficou contente e a velha também. Venderam as ovelhas, compraram bois e o velho começou a viajar a negócio com eles. Tornaram-se tão ricos que só vendendo!

E o bezerrinho, quando a necessidade passou, ficou tanto tempo ao sol que se desmanchou.

I. Rudtchenko: CONTOS POPULARES
UCRANIANOS, Kiev, 1870



IRMÃZINHA RAPOSINHA E IRMÃO LOBO

Havia uma raposa, que fez uma casa e vivia nela. Eis que chegaram as geadas. A raposa sentiu frio e correu para a aldeia a pedir fogo, para esquentar a casa. Chegou à morada de uma velha e disse:

— Bom domingo, vovozinha... Empresta-me um pouco de brasa, eu te serei agradecida.

— Pois bem, irmãzinha raposinha, — disse a velha, — senta-te e esquentate um pouco, enquanto eu tiro os pasteizinhos do forno!

A velha estava assando pasteizinhos com semente de papoula. Tirou-os do forno e os colocou sobre a mesa para que esfriassem. A raposa viu, pegou um pastelzinho e se mandou... Comeu a semente de papoula de dentro e encheu o pastelzinho de lixo, apertando-o novamente nas beiras.

Ao correr, viu pastores conduzir gado para o bebedouro.

— Bom dia, rapazes!

— Bom dia, irmãzinha raposinha!

— Troquem um bezerrinho por um pastelzinho com semente de papoula!

— Está bem, — concordaram.

— Só não comam o pastelzinho agora e sim quando eu sair da aldeia!

Fizeram a troca. A raposa levou o bezerrinho para a floresta. Os rapazes abriram o pastelzinho e acharam o lixo...

A raposa veio correndo para sua casa, cortou lenha, fez um trenó, atrelou o bezerrinho e foi andando. Eis que corre o lobo a seu encontro:

— Bom dia, irmãzinha raposinha!

— Bom dia, irmãozinho lobo!
— De onde tiraste o bezerrinho e o trenó?
— Fiz para mim.
— Dá-me uma carona, irmãzinha raposinha, — pediu o lobo.

— Como posso te dar uma carona? Tu quebrarás meu trenó!

— Não, — disse ele. — Eu colocarei só uma pata.
— Pois, então, coloca!

Foram andando um pouco, e o lobo disse:

— Deixa colocar a outra pata, irmãzinha raposinha!
— Ai, irmãozinho lobo, tu quebrarás meu trenó!
— Não, — respondeu ele, — não quebrarei.
— Pois coloca, então!

E o lobo colocou outra pata no trenozinho.

Foram andando, andando, eis que de repente — crac!
— Ai, irmãozinho lobo, tu estás quebrando meu trenó!
— Não, irmãzinha raposinha, eu só mordi uma avelã.
— Vê bem!

Foram andando...

— Posso colocar a terceira pata no trenó, irmãzinha raposinha? — perguntou o lobo.

— Mas como? Vais quebrar meu trenó!... Com que vou buscar lenha?

— Não, — respondeu o lobo, — não quebrarei.
— Então coloca!

O lobo pôs a terceira pata no trenó. Daí a pouco — crac — crac!

— Ai, desgraça! — disse a raposa. — Vai embora, lobinho, tu estás arrebetando meu trenó!

— Não, foi uma avelã que eu quebrei com os dentes.
— Dá-me uma, também!
— Foi a última, — disse o lobo.

Continuaram andando. O lobo pediu, então:

— Posso me sentar inteirinho, raposinha?
— Não faças isso, irmãozinho lobo! Acabarás com meu trenó!

— Sentarei bem devagarinho.

— Vê bem!

Mal o lobo sentou-se, o trenó se desfez... A raposa começou a ralar com ele. Ralhou, ralhou, depois disse:

— Vai, malandro, cortar lenha para um novo trenó e traze para cá!

— Como vou cortar, se não sei de que árvore? — perguntou o lobo.

— Tu, vagabundo, soubeste como quebrar o trenó, mas como cortar lenha não sabes!

Brigou, brigou...

— Quando fores à floresta, deves dizer: “Corta-te, lenha, reta e torta! Corta-te, lenha, reta e torta!”

O lobo foi.

Chegou à floresta e disse:

— Corta-te, lenha, torta e torta! Corta-te, lenha, torta e torta!

A lenha cortou-se tão torcida, que não deu nem para uma bengala, quanto menos para um trenozinho. Então o lobo levou aquela lenha para a raposinha. Quando ela a viu começou de novo a xingá-lo:

— Tu, imprestável, não disseste, como eu te ensinei!

— Como não, irmãzinha raposinha! Eu estava dizendo sem parar: “Corta-te, lenha, torta e torta! Corta-te, lenha, torta e torta!”

— Tu, além de vadio, és bem tolo! Fica sentado aqui, eu vou sozinha cortar lenha!

E foi embora.

O lobo ficou sentado só, a fome apertou. Procurou em toda a casa da raposa e nada encontrou de comer. Pensou, pensou... “Vou comer o bezerrinho”, disse consigo, “e depois darei o fora”. Pegou o bezerrinho, fez um buraquinho nele e comeu tudo de dentro, encheu-o novamente com pardais e tapou com um punhado de palha, depois saiu correndo. Veio a raposinha, fez o trenó, sentou-se.

— Anda, bezerrinho!

Mas o bezerrinho não quis andar. Ela bateu com o chicote... Nisso, o punhado de palha caiu, e os pardais voaram para fora: frrrrr!

— Oh, lobo pirata! Espera, eu te ensinarei! — disse a raposa e foi embora.

Deitou-se na estrada, imóvel. Eis que vêm vindo mercadores em carroças com peixes. Ela fingiu estar morta. Os mercadores olharam e viram uma raposa.

— Vamos levá-la, irmãos. Vamos vendê-la, dará para a aguardente!

Jogaram-na em cima da última carroça e foram andando. A raposa, vendo que não a olhavam, começou a jogar um peixe após outro na estrada... Quando jogou bastante, desceu também. Os mercadores foram adiante, e ela colheu todos os peixes e sentou-se para comer.

Eis que vem correndo o lobo:

— Como vais, irmãzinha raposinha?

— Bem, irmãozinho lobo!

— O que fazes, irmãzinha raposinha?

— Como peixes!

— Dá-me, também!

— Vai pescar sozinho!

— Como, se não sei pescar?

— Faze como sabes, pois não te darei nem uma espinha.

— Pelo menos me ensina como pescar.

E a raposa pensou: “Espera! Tu comeste meu bezerinho-novilho, agora eu te pagarei!”

— Vai até o buraco no gelo sobre o rio, mete a cauda dentro da água e diz bem baixinho: “Pesca-te, peixe, grande e pequeno! Pesca-te, peixe, grande e pequeno!” Então, o peixe vai se pescar.

— Agradeço-te pelo conselho! — disse o lobo.

Correu para o buraco no gelo, meteu a cauda dentro da água, dizendo:

— Pesca-te, peixe, grande e pequeno! Pesca-te, peixe, grande e pequeno!

E a raposa, de dentro dos juncos:

— Congela, congela, cauda de lobo! Congela, congela, cauda de lobo!

A geada estava tão forte que lá fora crepitava!... O lobo continuava mexendo com a cauda na água, dizendo:

— Pesca-te, peixe, grande e pequeno! Pesca-te, peixe, grande e pequeno!

E a raposa:

— Congela, congela, cauda de lobo! Congela, congela, cauda de lobo!

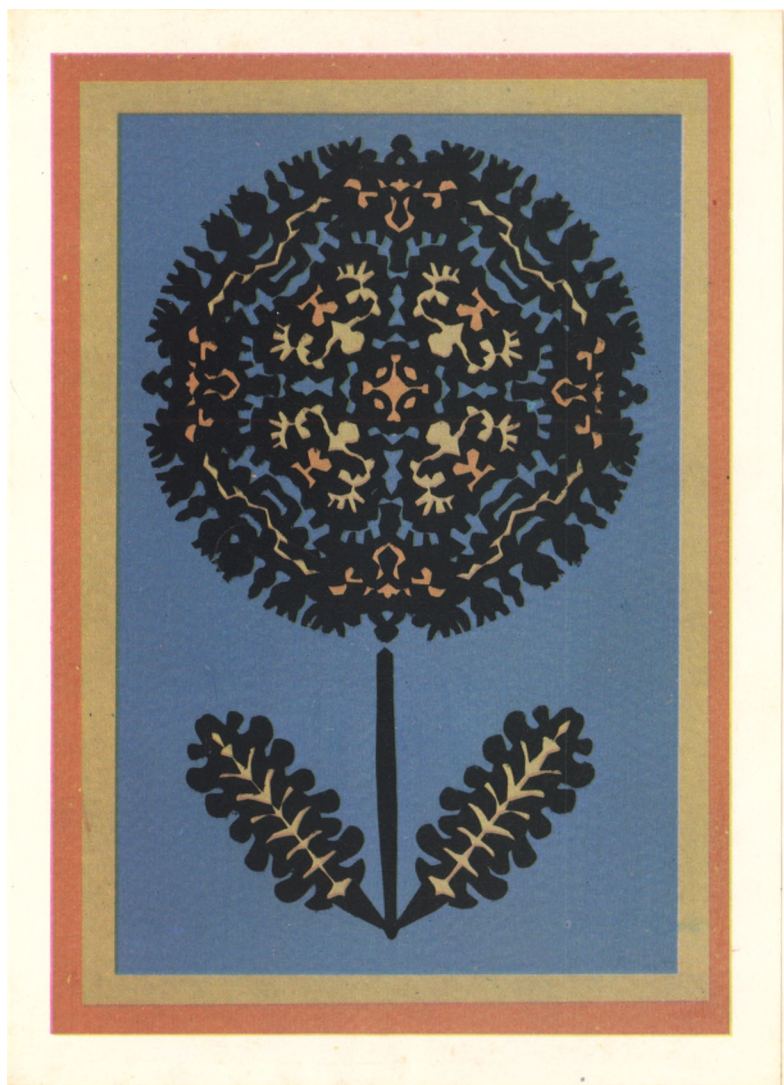
O lobo pescou tanto tempo até que seu rabo ficou preso no gelo! Então, a raposa correu para a aldeia, gritando:

— Venham, boa gente, bater no lobo!

O povo saiu correndo com rodos, pás e vassouras e deu uma boa surra nele.

E a raposa até hoje vive na sua casa.

I.P. Berezowsky: CONTOS DE FADA SOBRE
OS BICHOS, Kiev, 1979



A PRINCESA COM A ALMA NO OVO DENTRO DO CHOUPO

Um rei tinha dois filhos: um rapaz e uma moça. Morreu o rei, morreu também a rainha, ficaram os dois irmãos. No reino vizinho vivia um príncipe. Então, o irmão escreveu ao príncipe que ele tinha uma irmã que quando ria espalhava pedras preciosas, quando chorava espalhava ouro, e quando dançava brotavam flores.

O príncipe respondeu:

— Manda-me tua irmã, eu a tomarei por esposa.

O irmão preparou a irmã para a viagem: eles se despediram. Ela partiu com sua camareira, e esta era muito parecida de rosto e de corpo com a filha do rei. Chegaram junto a um rio; a filha do rei quis tomar banho: despiu-se, tirou seus olhos; então sua camareira vestiu sua roupa, tomou seus olhos, sentou-se na carruagem e foi embora. Chegou ao palácio do príncipe e lhe agradou. Só que ele ficou admirado com a mentira do filho do rei: ela ria e não espalhava pedras preciosas, chorava e não espalhava ouro, dançava e as flores não brotavam. Mesmo assim, ele a tomou por esposa, pois era muito bonita. E a vida continuou...

Quando a filha do rei saiu da água, percebeu que sua camareira havia vestido sua roupa e tirado seus olhos. Então, ela vestiu a roupa da camareira, sentou-se a chorar, e o ouro caía, formando um grande montão.

Eis que um ancião chegou perto ouvindo que alguém soluçava e viu uma lindíssima moça que tinha chorado um montão de ouro. Ela lhe disse:

— Leva-me para tua casa!

O ancião a tomou, levando o ouro consigo. Ela riu — caíram pedras preciosas; foi dançar — e brotaram flores de todas as espécies. Então ela começou a bordar uma

toalha a mão com ouro e pedras preciosas e flores: bordou uma toalha tão bela, tão bela que a casa resplandecia.

— Leva esta toalha ao bazar para vender, — disse ao ancião. — Mas não a vendas por dinheiro, dize sempre: “Dá-me um olho!”

O ancião foi ao mercado: a toalha espalhava brilho sobre a praça inteira, juntando o povo em sua volta. Ele recusava tudo que lhe ofereciam por aquela toalha, pedindo sempre um olho. Todos ficavam admirados: como assim? De onde tirar um olho? O príncipe também chegou perto, a toalha lhe agradou.

— Venda-a para mim, vovô! — disse.

— Compra! — respondeu este.

— O que queres por ela?

— Um olho, — disse o velho.

— Perdeste o juízo? — respondeu o príncipe. — Se é por um olho, quem te dará o seu? Pede dinheiro, quanto quiseres, eu te darei.

— Eu não preciso de dinheiro. Dá-me um olho, — insistia o ancião.

O príncipe voltou para a casa e disse a sua mulher:

— Vi algo de espantoso: uma toalha resplandecer com ouro, pedras preciosas e flores, apenas um velho insensato pede um olho por ela...

— Eu tenho nas minhas coisas um olho, — disse ela, pois queria muito possuir aquela toalha.

Tirou do cofre um olho; o príncipe levou-o para o ancião e recebeu a toalha. O velho trouxe aquele olho para a casa: a princesa ficou alegre, começou a rir e a chorar, espalhando ouro e pedras preciosas. Então ela teceu ainda um lenço — mais belo do que a toalha!

— Leva, vovô, para o mercado: pede ainda um olho!

O velho o levou. O povo juntou-se em torno dele, todos o admiravam. Quando perguntavam o preço do lenço, o velho respondia: “Um olho”. Veio também o príncipe. Ficou louco de vontade de adquirir aquele lenço!

— O que queres por ele, vovô?

— Um olho, — disse o velho.

O príncipe voltou para junto de sua mulher.

— Não tens, por acaso, ainda um olho? No bazar há um lenço à venda, mas é tão belo, que nem se pode descrever!

Ela não estava com vontade de entregar o olho, pois desconfiava que a bordadeira era a princesa, mas quando o príncipe começou a pedir, foi e lho entregou.

O velho trouxe o outro olho para a casa. A princesa ficou muito feliz por ter encontrado seus olhos!

Enquanto isso, a mulher do príncipe viu que haveria uma desgraça; lembrou-se então, que a alma da princesa estava guardada num ovo, no meio de um choupo. Ela correu logo, encontrou o choupo, tirou o ovo, levou-o para casa, fechando-o num cofre. Quando a camareira pegou o ovo, a princesa disse ao ancião:

— Agora vou morrer. Toma o ouro, faze um caixão para mim e me coloca numa capela à beira da estrada.

Ela morreu. O ancião fez tudo como ela queria: um caixão de ouro em uma capela de ouro junto à estrada, colocando-a dentro.

Num dia de festa, o príncipe voltava da igreja e viu uma capela tão linda, que resplandecia ao redor. Mandou o cocheiro parar, entrando na capela. Reparou num caixão, e dentro dele havia uma lindíssima moça, parecendo viva, deitada como se estivesse dormindo. O príncipe não agüentou e lhe deu um beijo. Muitas vezes o príncipe saía a passear, sempre a visitando. Um belo dia veio e viu junto dela no caixão uma criancinha — tão bonita! Era seu filho que ela lhe dera. Ele o levou para casa e mimava muito a criancinha. Num dia de Páscoa, o príncipe preparou-se para ir à igreja, pretendendo levá-la consigo. Sua mulher abriu o cofre, querendo tirar algo de dentro e a criança viu o ovo:

— Me dá, me dá, me dá! — começou a gritar.

Era a alma da sua mãe. O príncipe ouviu o choro e os gritos da criança, pedindo que ela lhe desse o ovo.

— Por que não lhe das o ovo que ela pede? — perguntou?

— Que ovo? Que invenção é essa? — perguntou.

Mas a criança insistia:

— Dá-me o ovo! — mostrando para o cofre.

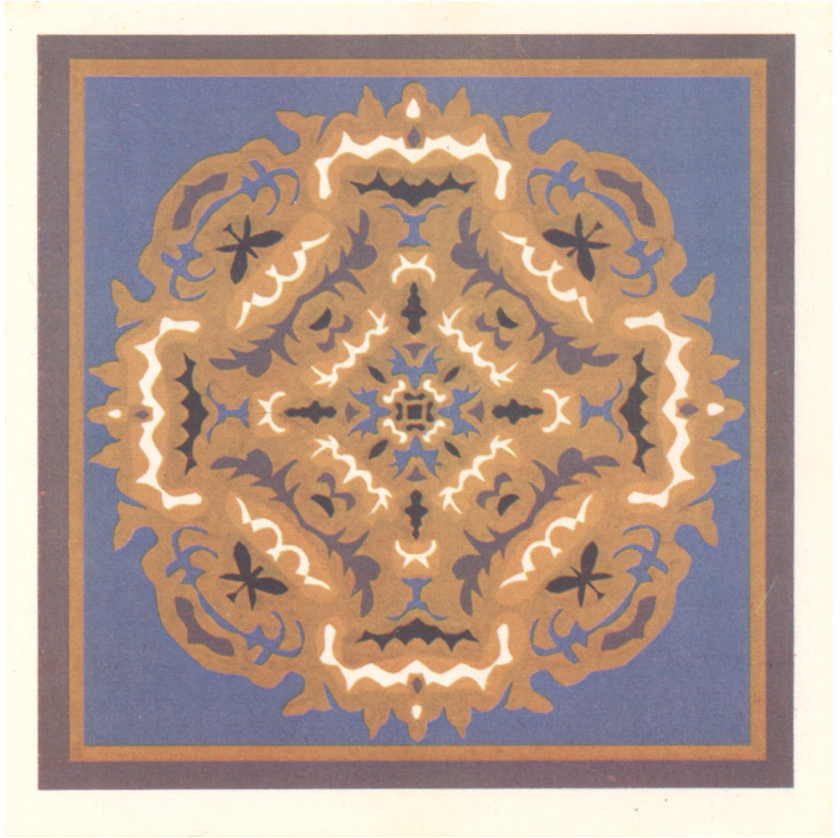
O príncipe mandou:

— Abre logo o cofre!

Ela não estava com vontade de abrir, mas quando o fez, a criança pegou o ovo nas mãos e não quis mais largar.

O príncipe foi às matinas, levando o filho com ele, e resolveu visitar a princesa morta, para saudá-la pela Páscoa. Beijou-a três vezes nas faces e pegou o filho nos braços para que ele a beijasse. Este deixou cair o ovo que se quebrou, e a princesa reviveu. O príncipe ficou muito feliz, e seu filho também. Ele começou a interrogá-la, e ela lhe contou tudo: como sua camareira lhe tirou os olhos, vestindo sua roupa; como bordava as toalhas, vendendo-as pelos olhos; como a camareira tirou sua alma do choupo. Então, o príncipe percebeu que se tratava da sua mulher. Chegando em casa, ele amarrou a camareira à cauda de um cavalo selvagem, casou-se com a princesa, e eles vivem felizes até hoje.

P.P. Tchubynsky: OBRAS DA EXPEDIÇÃO
ETNOGRÁFICO-ESTATÍSTICA À UCRÂNIA,
Vol. II, São Petersburgo, 1878



A PRINCESA RÃ

Em um lugar qualquer de certo reino, viviam um rei e uma rainha. Eles tiveram três filhos que eram formosos como três falcões. Os filhos foram crescendo e tornaram-se rapazes tão belos, que nem se pode imaginar, nem adivinhar, só se pode contar em contos de fada! Então chegou o tempo de se casarem. O rei consultou a rainha, chamou seus filhos e disse:

— Meus filhos, meus falcões! Ficastes adultos, é tempo de procurardes esposas!

— É tempo! É tempo! — concordaram.

— Meus filhos, tomai arcos de prata e flechas de cobre. Atirai as flechas sobre terras estranhas: onde caírem, ireis procurar vossas noivas.

Eles saíram, então, e retezando seus arcos começaram a atirar. O primeiro foi o mais velho: sua flecha zuniu sob o céu e foi cair em um outro reino, no pomar do rei. A princesa estava justamente passeando ali, apanhou a flecha, admirando-a. Foi mostrá-la a seu pai, se gabando:

— Veja, paizinho, que bela flecha encontrei!

— Não a entregues a ninguém, a não ser àquele que te tomar por esposa, — disse o rei.

Passando algum tempo, veio o príncipe mais velho, pedindo sua seta de volta.

— Não a entregarei a outro, senão àquele que casar comigo, — disse a princesa.

— Pois eu me casarei contigo, — respondeu o príncipe mais velho.

Ficaram de acordo, e ele partiu.

O segundo príncipe atirou: sua seta voou abaixo da nuvem e acima da floresta e caiu no palácio do duque.

A filha do duque estava sentada no terraço e foi apanhar a flecha, mostrando-a ao pai:

— Veja que bela flecha encontrei, meu pai!

— Não a entregues a ninguém, a não ser àquele que te tomar por esposa! — disse o duque.

Chegou o segundo príncipe para pedir sua seta de volta. A filha do duque respondeu como a princesa. Ficaram de acordo, e o príncipe partiu.

O mais moço dos irmãos, o príncipe Ivan, atirou: sua seta zuniu voando nem alto nem baixo, por cima das casas, e caiu nem longe nem perto, dentro de um charco, junto à aldeia. Em cima de uma moita estava sentada uma rã que apanhou a flecha. Veio o príncipe Ivan, pedindo:

— Devolve-me a flecha!

— Não a entregarei a ninguém, a não ser àquele que me pedir em casamento, — disse a rã.

O príncipe Ivan pensou: “Como poderei tomar por esposa uma rã verde?” Ficou de pé sobre o charco, preocupado, e voltou para casa chorando.

Era tempo de ir ao palácio do pai e contar que esposa cada um deles havia encontrado. Os dois mais velhos estavam contentíssimos, só o príncipe Ivan estava chorando. O pai indagou:

— Contai-me filhos, meus falcões, que noras encontrastes para mim?

O mais velho disse:

— Encontrei uma princesa.

E o do meio:

— E eu — a filha de um duque.

O príncipe Ivan nem pode dizer nada de tanto chorar!

— Por que choras, príncipe Ivan?

— Como não hei de chorar, se meus irmãos acharam esposas de verdade, enquanto que eu devo me casar com uma rã verde do charco. Será que ela pode ser meu par?

— Casa com ela! — disse o rei. — Parece que é esta a tua sorte.

Os príncipes se casaram: o mais velho casou-se com a filha do rei, o do meio com a filha do duque, e o príncipe Ivan com a rã verde do charco, e foram vivendo.

Um dia o rei quis saber qual das noras sabia tecer toalhas melhor. Disse aos filhos:

— Que até amanhã de manhã cada uma teça toalhas e traga para me mostrar, qual delas é a melhor tecelã.

O príncipe Ivan voltou para casa chorando, e a rã veio-lhe ao encontro, perguntando:

— Por que choras, príncipe Ivan?

— Como não hei de chorar, se nosso pai ordenou a cada uma das suas noras que tecesse toalhas até amanhã bem cedo?

— Não chores! Tudo ficará bem. Vai dormir sossegado.

Ele deitou-se e dormiu. Ela tirou seu casaquinho de rã, saiu de casa, chamou, assoviou — e vieram correndo de todos os lados jovens servas, teceram toalhas, nelas bordaram belos galos e as entregaram à rã. Ela as tomou, colocou junto do príncipe Ivan, vestiu novamente seu casaquinho e voltou a ser uma rã como antes.

O príncipe Ivan acordou e viu toalhas como ele nunca tinha visto antes em toda a sua vida! Alegrou-se muito e foi levá-las ao rei. O pai lhe agradeceu por elas. Depois entregou as toalhas das outras noras para o uso na cozinha, pois que eram bem simples, e com as da rã enfeitou seus ícones*.

O rei, então, ordenou que as noras fizessem bolos de trigo mourisco e lhe trouxessem, para ver qual delas sabia assá-los melhor. O príncipe Ivan voltou para casa chorando. A rã veio a seu encontro e coaxou:

— Por que choras?

— Como não hei de chorar? Nosso pai ordenou que as noras assassem bolos de trigo mourisco, e tu não sabes.

— Não chores, assaremos. Vai dormir!

Ele deitou-se e dormiu. Então as duas outras noras foram espiar pela janela o que a rã iria fazer. Ela amassou uma massa bem rala, depois subiu ao forno, furou um buraco e derramou tudo lá dentro. As outras noras foram correndo para casa e fizeram a mesma coisa. Saí-

— — — — —
* quadros de santos.

ram dali bolos tão ruins que só prestaram para cachorros.

Quando elas foram embora, a rã tirou seu casaquinho, saiu de casa, chamou, assoviou e eis que acorreram de todos os lados jovens servas. Ordenou-lhes que assassem até a madrugada os bolos de trigo mourisco. Elas os aprontaram e os trouxeram para a rã, belos como o sol! Ela os colocou junto do príncipe Ivan, vestiu seu casaquinho e se tornou novamente uma rã verde.

O príncipe Ivan acordou e, vendo junto de si bolos de trigo mourisco tão bem feitos, levantou-se e foi levá-los ao rei. O pai ficou muito agradecido. Os bolos das outras mandou jogar aos cachorros, e os da rã verde — servir à mesa.

De novo o rei ordenou a seus filhos que num dia determinado viessem com suas esposas a uma festa. Os mais velhos ficaram alegres como só eles, mas o príncipe Ivan voltou chorando para casa. A rã arrastou-se a seu encontro, perguntando:

— Por que choras, príncipe Ivan?

— Como não hei de chorar? O pai mandou que viéssemos para a festa com nossas esposas. Como poderei levar-te?

— Não te preocupes, príncipe Ivan, — disse a rã verde. — Vai à frente sozinho. Quando começar a choviscar, saberás que é tua mulher lavando-se com orvalho; quando relampejar — será tua mulher vestindo vestes preciosas; e quando trovejar — será tua mulher chegando.

O príncipe Ivan vestiu-se e foi. Quando chegou, seus irmãos mais velhos já estavam lá com suas esposas, vestidas de ouro e veludo, com riquíssimos colares. Os irmãos começaram a caçoar dele:

— Então, vieste sozinho? Devias trazê-la amarrada dentro de um lenço...

— Não zombeis, — respondeu o príncipe Ivan. — Ela virá mais tarde.

Assim que começou a choviscar, ele disse:

— É minha querida esposa que está se lavando com orvalho!

Os irmãos riram dele:

— O que dizes? Ficaste louco?

Quando relampejou, o príncipe Ivan falou:

— Eis que minha querida esposa veste sua roupa preciosa!

Os irmãos só davam de ombros: tinham tido um irmão ajuizado que agora tornara-se doido.

Quando começou a trovejar e o palácio foi sacudido pelo estrondo, o príncipe Ivan disse:

— Agora minha bem amada está chegando.

Eis que parou, embaixo da sacada, uma carruagem puxada por seis cavalos que eram como dragões! Dela saiu uma moça tão bela que todos ficaram pasmados!

Sentaram-se para almoçar: o rei, a rainha, e os dois príncipes mais velhos não se cansavam de admirá-la: era linda além de qualquer descrição! Almoçando, ela botava um bocadinho na boca, um bocadinho na sua manga, uma colherinha na boca, uma colherinha na manga. E aquelas outras noras do rei estavam olhando e faziam a mesma coisa: um bocadinho na boca, um bocadinho na manga, uma colherada na boca, uma colherada na manga.

Quando terminaram o almoço, saíram do palácio. Os músicos se puseram a tocar e o rei convidou a todos para a dança. Ela foi dançar com o príncipe Ivan e mal tocava o chão com os pés, tão leve que era! Sacudiu sua manga direita, atirando os bocados da comida, e deles nasceu um pomar, no pomar levantou-se uma coluna e por ela passeava um gato: quando subia, cantava cantigas; quando descia, contava contos de fada. A moça dançou, dançou, depois sacudiu a manga esquerda — eis que no pomar apareceu um rio e dentro dele nadavam cisnes. Todos ficaram maravilhados como crianças, olhando estas coisas. Depois de ter dançado, ela sentou-se para descansar, e as outras noras foram dançar. Quando sacudiram a manga direita, saíram voando ossos que bateram na testa do rei. Sacudiram a manga esquerda, salpicando de comida os olhos de sua majestade.

— Basta, basta, cegareis meus olhos!

Elas pararam. Sentaram-se nos bancos, os músicos tocando e as pessoas da corte dançando.

O príncipe Ivan contemplava sua esposa admirado: como uma rã verde se transformara em uma mulher tão linda de quem não se podia despregar os olhos? Mandou

trazer seu cavalo e foi galopando para casa, para saber, de onde ela tirara todas aquelas coisas. Chegando, foi até o quarto, onde ela dormia, e viu o casaquinho de rã. Na lareira havia fogo, ele atirou o casaquinho nas chamas, só a fumaça se levantou... Então voltou novamente para o palácio, chegando a tempo para o jantar. Festejaram por muito tempo, mas, antes de raiar o dia, partiram. Também o príncipe Ivan foi com sua mulher.

Chegaram em casa. Ela entrou no quarto procurando seu casaquinho, mas ele sumira... Procurou, procurou...

— Não viste minha roupa, príncipe Ivan? — perguntou.

— Que roupa?

— Eu tirei aqui meu casaquinho de rã.

— Eu o queimei, — disse o príncipe Ivan.

— O que fizeste, Ivan! Se não o tivesses tirado, eu seria tua para sempre, mas agora devemos nos separar e, talvez, nunca mais nos vejamos.

Chorou lágrimas de sangue e disse:

— Adeus! Procura-me no trigésimo reino, na casa de Baba-Yagha, perna de osso!

Abriu os braços e transformou-se num cuco. A janela estava aberta e ela saiu voando.

Muito tempo o príncipe Ivan lamentou-se, chorando amargamente, procurando saber, o que devia fazer. Ninguém lhe dava conselhos. Ele tomou seu arco prateado, pôs pão na mochila, uma botija com água a tira-colo e foi à procura de sua mulher.

Eis que lhe veio ao encontro um velho, com cabelos brancos como leite e perguntou:

— Bom dia, príncipe Ivan. Para onde segue teu caminho?

— Eu vou mundo afora, vovô, procurar minha mulher. Ela está no trigésimo reino, na casa de Baba-Yagha, perna de osso. Não sei, qual é o caminho... Não sabes, vovô, onde ela mora?

— Como não, bem que sei.

— Dize-me, por favor, onde é?

— Não vale a pena dizer-te, meu filho: diga ou não, não acertarás.

— Acertando ou não, dize-me, serei agradecido à minha vida toda.

— Pois se queres tanto assim, eis um novelinho: toma e deixa-o correr. Segue-o para onde rolar, até chegar à casa de Baba-Yagha, perna de osso.

O príncipe Ivan agradeceu ao velho pelo novelinho e deixou-o rolar, seguindo seu trilho. Foi andando por uma floresta tão escura que parecia noite. Eis que encontrou um urso. Colocou uma flecha de cobre no seu arco e quis atirar, mas o urso lhe disse:

— Príncipe Ivan, não me mates! Eu te serei útil numa grande necessidade.

O príncipe Ivan teve pena dele e não o matou.

Foi andando adiante, chegou à beira da mata e viu um falcão sentado numa árvore: colocou a seta de cobre no arco de prata, quis atirar. O falcão lhe disse:

— Príncipe Ivan, não me mates! Eu te serei útil numa grande necessidade!

Continuou andando, o novelinho correndo na frente e ele atrás, até chegar ao mar azul. Eis que viu na margem uma traíra dentuça, morrendo ao sol. Ele quis pegá-la para assar, mas ela pediu:

— Príncipe Ivan, não me comas, joga-me ao mar. Por isso te serei útil numa grande necessidade!

Ele a jogou ao mar e foi adiante.

Finalmente chegou ao trigésimo reino. Eis que reparou numa casa que estava sobre um pé de galinha, apoiada pelos juncos, para não desabar. Entrou na casa e viu Baba-Yagha, perna de osso, deitada sobre a lareira: pés sobre o fogão, cabeça sobre a chaminé.

— Bem-vindo, príncipe Ivan. Vens de boa ou má vontade? Escondes-te de alguém ou procuras alguém?

— Não me escondo, vovó, mas procuro minha mulher querida — a rã verde.

— Sei, sei, — disse Baba-Yagha.

— Onde ela está, vovozinha? Dize para mim!

— Serve na casa de meu irmãozinho.

Então ele começou a pedir que lhe dissesse onde morava seu irmão. Ela retrucou:

— No meio do mar há uma ilha; lá está seu palácio. Cuida apenas para não causar uma desgraça: quando a encontrares, pega-a logo e foge sem olhar para trás.

Ele agradeceu a Baba-Yagha e foi embora.

Andou, andou, chegou ao mar sem fim: como achar aquela ilha? — só Deus o sabe!

Foi andando pela margem preocupado, cabisbaixo. Eis que vem nadando a traíra:

— Por que estás triste, príncipe Ivan?

Ele lhe contou tudo: tintim por tintim.

— No mar há uma ilha, mas não há jeito de chegar até lá.

— Não te preocupes! — disse-lhe a traíra e, batendo com a cauda na água, fez surgir uma ponte como não existe igual nem no palácio do rei: os postes de prata, as balaustradas de ouro e o calçamento de vidro. Anda-se aí como se fosse sobre um espelho! O príncipe Ivan atravessou a ponte até chegar à ilha.

Chegando lá, deparou com uma mata densa, impenetrável, escura-escura. Foi andando ao longo da mata, chorando. Já não tinha mais pão para comer. Sentou-se na areia. “Estou perdido!” — pensou. Eis que uma lebre apareceu correndo por perto. De repente surgiu o falcão, bicou a lebre, matando-a. O príncipe a pegou, tirou sua pele e a comeu assada.

Depois de saciar a fome, principiou a pensar: como chegar ao palácio? Andando pela borda da mata tão densa, que não deixava ninguém passar, viu o urso.

— Bem-vindo, príncipe Ivan! Por que estás andando para cá e para lá?

— Quero chegar de qualquer maneira até o palácio atrás da mata, mas não é possível.

— Eu te ajudarei!

O urso começou a destruir o carvalho; arrancando carvalhos com troncos de um abraço e meio de espessura. Arrancava, arrancava, cansou-se, foi beber água e principiou de novo o quebra-quebra... Quase, quase conseguiu fazer um caminho. Novamente foi beber água, novamente começou a quebrar árvores. Limpou um caminho até o palácio. O príncipe Ivan foi andando.

Seguindo o caminho, chegou a um belo vale no meio da floresta: no centro havia um palácio de vidro. Entrou, abriu uma porta de ferro — não encontrou ninguém; abriu uma de prata — também não encontrou ninguém; abriu uma de ouro, e lá estava sentada sua mulher, penteando cânhamo — tão triste, que dava pena olhá-la. Quando viu o príncipe Ivan, caiu nos seus braços:

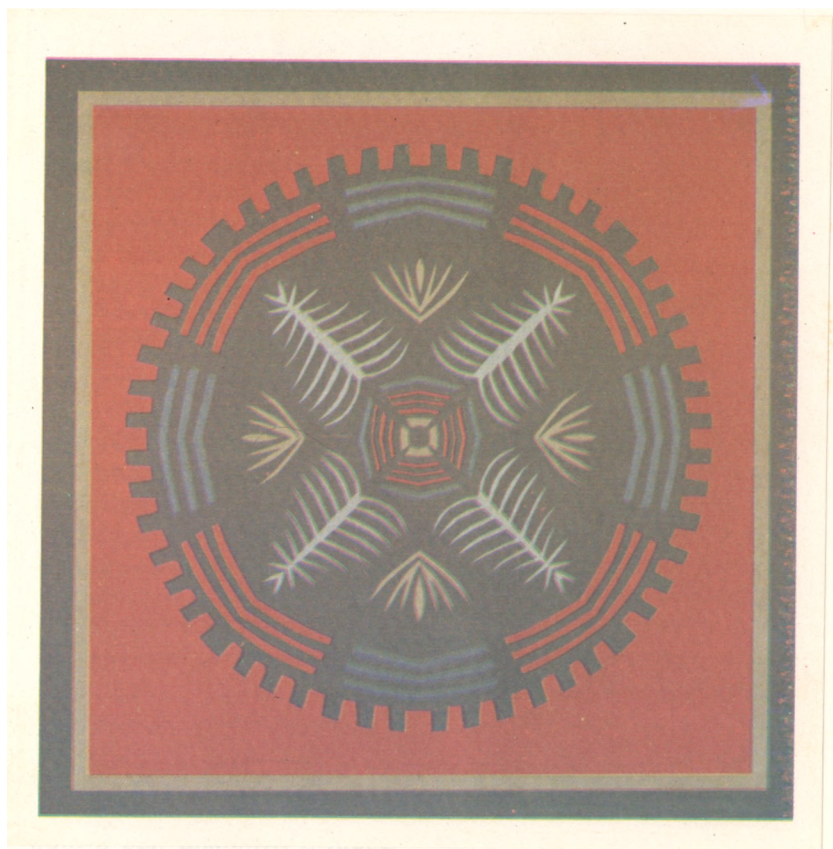
— Meu querido, como tive saudade de ti! Mais um pouco e não me terias visto nunca mais.

Chorou de alegria! E ele não mais sabia se estava na terra ou no paraíso! Abraçaram-se, beijaram-se. Depois ela transformou-se de novo em cuco, pegou-o embaixo de sua asa e foram embora voando. Quando chegaram em seu reino, ela novamente virou gente e lhe disse:

— Fui castigada por meu pai que me mandou servir a um dragão por três anos. Mas agora já paguei minha pena!

Chegando a seu lar, começaram uma vida feliz para sempre.

Gh.S. Sukhobrús: CONTOS POPULARES
UCRANIANOS, Kiev, 1951



O PÁSSARO DE FOGO E O LOBO

Um rei tinha três filhos: dois sensatos e um tolo. Eles chegaram ao pai pedindo que os deixasse viajar pelo mundo, para conhecerem outros reinos. O pai lhes disse:

— Escolhei cavalos à vontade e cavalgai para onde quiserdes.

Foi trazida a cavallhada e começou a escolha. Os dois mais velhos escolheram os cavalos mais belos, e o mais jovem pegou o cavalo mais feio. Juntos partiram pelo mesmo caminho. Foram cavalgando. Eis que depararam com três postes, de onde principiavam três estradas: uma seguia reta, e as outras à esquerda e à direita. Havia inscrições nos postes, e eles se aproximaram para ler. Num estava escrito: “Quem seguir por este caminho será saciado, mas seu cavalo ficará com fome”. No outro: “Quem seguir por este caminho passará fome, mas seu cavalo será saciado”. E no terceiro: “Quem seguir este caminho o lobo comerá seu cavalo”.

Eles se separaram: o mais velho partiu por aquela estrada, que dizia ficar ele saciado e seu cavalo faminto; o do meio por aquela que dizia ficar ele com fome e seu cavalo saciado; e o menor por aquela que dizia que seu cavalo seria comido pelo lobo.

Mal o mais novo cavalgou um certo trecho, veio um lobo a seu encontro e disse:

— Desce do cavalo, eu o comerei!

Não havia escolha! O jovem botou a sela nas costas e foi andando pela estrada, deixando o cavalo atrás. Mas eis que o mesmo lobo correu atrás dele:

— Monta no meu lombo e dize para onde devo conduzir-te!

O jovem respondeu:

— Leva-me para onde quiseres!

O lobo o levou a uma grande floresta. No meio dela havia uma grande casa, junto dela uma alta pilastra, com uma gaiola dependurada. Na gaiola estava um pássaro que espalhava brilho. Quando o jovem viu o pássaro, perguntou ao lobo:

— Como poderia eu conseguir esta ave?

O lobo lhe respondeu:

— Sobe na pilastra, mas não puxes o cordão, pega logo na gaiola.

O jovem subiu, mas em vez de pegar na gaiola, tocou no cordão, e um sino começou a tilintar: tim-tim-tim!

Saíram correndo os guardas do pássaro e lhe perguntaram:

— O que queres?

— Quero pegar a ave.

Os guardas lhe responderam:

— Não é uma ave qualquer: é o pássaro de fogo. Se o queres, traze-nos o cavalo meio-de-ouro-meio-de-prata.

O jovem foi embora, e o lobo lhe perguntou:

— Onde está o pássaro que quiseste apanhar?

— Sumiu! — respondeu o jovem. Contou-lhe, então, tudo o que acontecera e que seria necessário trazer um cavalo meio-de-ouro-meio-de-prata.

— Senta-te rapidamente, — disse-lhe o lobo. — Vamos!

Ele montou no lobo e correram, correram até que chegaram de novo a uma floresta. Nesta havia estrebarias de pedra, onde relinchavam cavalos. O lobo ensinou ao jovem:

— Vai a esta estrebaria e pega o primeiro cavalo, mas não pela rédea e sim pela crina.

O tolo foi à estrebaria, mas logo esqueceu o que o lobo lhe tinha recomendado: pegou o cavalo pelas rédeas, e estas tiniram: blem-blem-blem!

Os guardas pularam logo para fora e perguntaram:

— O que queres?

— Quero levar o cavalo.

— Pois bem, traze-nos a princesa que vive a sete léguas daqui, num carvalho, então te daremos o cavalo.

O jovem partiu dali e foi para junto do lobo.

— Onde está o cavalo? — perguntou este.

— Sumiu! — respondeu o jovem e contou-lhe tudo como tinha sido e o que os guardas exigiam.

— Monta rapidamente, vamos! — disse o lobo.

E se foram. O lobo levou o rapaz a um carvalho. Viram uma montanha, onde andava uma bela princesa com sua jovem serva.

— Vai até junto desta princesa, — disse-lhe o lobo, — e dize que estás com muita sede, para que ela mande a jovem serva buscar água. Então tu pegas a princesa nos braços e a trazes para cá.

Foi o jovem para junto da princesa e pediu:

— Manda, senhora, tua serva buscar água, que tenho muita sede!

Ouvindo isso, ela o convidou a entrar no palácio, mas ele recusou, insistindo:

— Peço que mandes tua serva buscar água.

A princesa acabou mandando sua serva, e ele, então, a pegou nos braços e a carregou rapidamente para junto do lobo, montou nele e voou igual a um pássaro. Chegaram àquele lugar, onde ele tinha levado o cavalo meio-de-ouro-meio-de-prata para fora. O lobo, então, parou e disse.

— Vou me transformar em princesa e tu deves me levar aos guardas, e quando receberes o cavalo meio-de-ouro-meio-de-prata, monta nele e galopa por esta estrada que leva até o pássaro de fogo. Eu te alcançarei.

Fizeram assim. O lobo transformou-se em princesa; o príncipe o pegou e o levou até os guardas, trocando-o pelo cavalo meio-de-ouro-meio-de-prata.

Depois, colocou sobre o cavalo a princesa, que lhe agradou, sentou-se junto a ela e foi cavalgando por aquela estrada que levava até o pássaro de fogo. Os guardas pegaram a falsa princesa, que ele lhes deixou, trouxeram-lhe maçãs, morangos e outros petiscos, para alimentá-la. O lobo comeu bastante e disse-lhes:

— Agora me deixem passear um pouco!

Eles o soltaram, mas mal isto aconteceu, ele virou novamente lobo, eles nem notaram como, e correu tão li-

geiro que só se via a poeira. Correu, correu, alcançou o príncipe perto do lugar, onde se achava o pássaro de fogo, dizendo:

— Agora vou me transformar no cavalo, e tu me levas e entregas aos guardas, mas pegando o pássaro de fogo vai até a encruzilhada, onde te despediste dos teus irmãos. Lá me espera, apenas não dorme, se não — vai acontecer uma desgraça.

Assim fez ele, como o lobo lhe ensinou: trocou o pássaro de fogo, montou no cavalo, pegou a princesa e partiu. Chegou naquele lugar do encontro dos três caminhos, junto a um profundo vale ribeirinho, e sentou-se para descansar, deixando o cavalo pastar. O pássaro de fogo cantava na gaiola, e a princesa pedia:

— Não dorme, por favor, se não — haverá desgraça!

Eis que ela viu aproximarem-se dois cavaleiros. Dirigiu-se ao príncipe, mas ele já tinha adormecido. Ela começou a despertá-lo. Tentava, tentava, mas não conseguiu acordá-lo. Os dois cavaleiros chegaram perto:

— Vê, — disse um deles. — Eis o nosso irmão, o tolo. Vamos jogá-lo no vale ribeirinho e pegaremos o cavalo, o pássaro de fogo e a bela princesa!

Como falaram, fizeram: jogaram o irmão no vale ribeirinho e o abandonaram. Partiram, levando consigo o cavalo, o pássaro de fogo e a bela princesa.

Em breve o lobo chegou correndo. Não viu ninguém, só uma gralha voando sobre o vale ribeirinho.

Ele se dirigiu à gralha, pedindo:

— Não voes sobre o vale ribeirinho, mas traze água salvadora e água vivificadora, então não te esquecerei.

— Dentro de que devo trazê-la? — perguntou a gralha.

Ele fez duas cestinhas de folhas, amarrando-as numa e na outra pata da gralha e deixou-a voar, ele próprio desceu ao vale, tirou de lá o príncipe, que já estava morto.

No dia seguinte, ao meio dia, veio voando a gralha com a água. Então ele regou o príncipe com a água vivificadora, tornando-o novamente vivo, depois com a água salvadora, sarando-o.

— Eu estava dormindo há muito tempo — disse o jovem.

— Se não fosse eu, terias dormido eternamente, — respondeu o lobo. — Monta rapidamente, se não, teu irmão mais velho vai se casar com a princesa!

O príncipe montou no lobo e partiram.

Chegaram a seu reino e viram uma carruagem defronte ao palácio. Diante da carruagem estava atrelado seu cavalo meio-de-ouro-meio-de-prata. Quando o viu, atirou-se em sua direção, levando consigo a carruagem. E quando o pássaro de fogo o viu pela janela, lançou-se em sua direção: quebrou a vidraça, voou para fora e pousou em seu ombro. Eis que saiu a princesa com seu irmão, toda em lágrimas, para ir ao casamento. Quando reparou no seu príncipe, jogou-se em sua direção, dizendo:

— Eis quem me encontrou, este será meu marido!

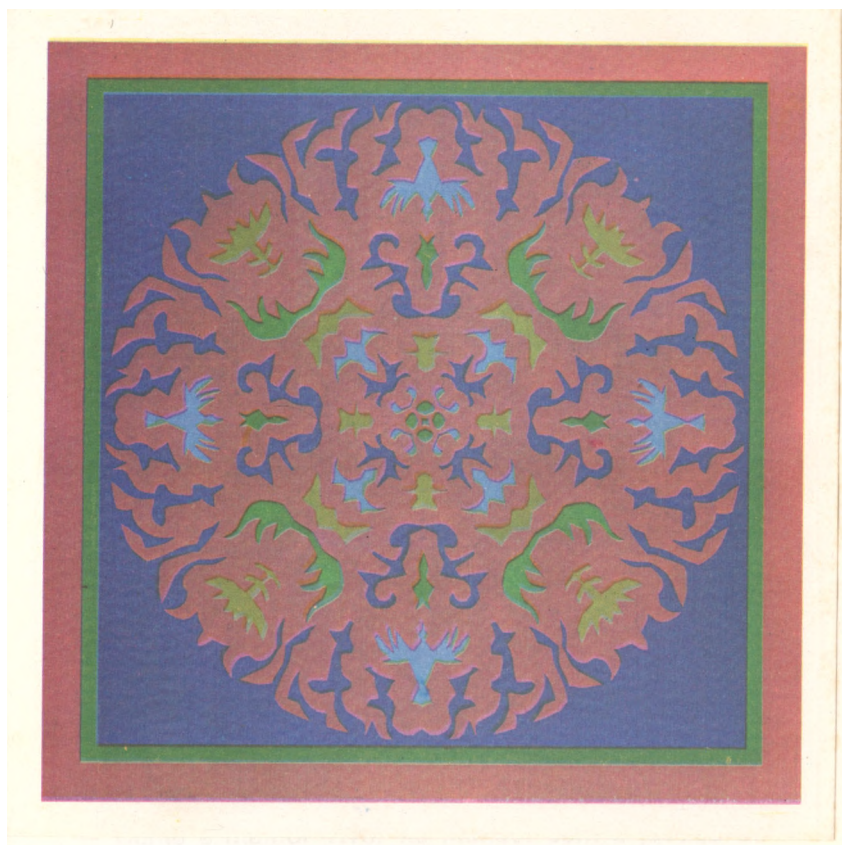
O pai, olhando aquelas coisas estranhas, não sabia o que acontecia. O príncipe lhe contou tudo como se dera. O pai lhe disse:

— Faze com teus irmãos o que quiseres.

Então o príncipe casou-se com a princesa, perdoando seus irmãos, e ao lobo deu um cordeiro assado inteirinho. Também a gralha foi viver com eles.

Eis um conto de fada para vocês e, para mim, — um saquinho de biscoitos!

ARCO-IRIS, Kiev, 1972



A JUSTIÇA E A INJUSTIÇA

Era uma vez dois irmãos: um rico e um pobre. Um dia estavam a conversar. O pobre disse:

— A vida é bem amarga, mas é melhor, contudo, viver com a justiça.

Nisso o rico:

— Onde encontrarás hoje em dia a justiça? Não há mais justiça no mundo, só injustiça. É melhor viver com ela.

O pobre não concordava:

— Não, meu irmão, é melhor viver com a justiça!

Então o rico disse:

— Está bem! Vamos apostar: perguntaremos ao povo — àquele que encontrarmos — três vezes. Se disserem conforme afirmas, todo meu gado será teu, e se disserem como eu digo, tirarei de ti o teu gado.

O pobre concordou.

Foram andando pela estrada. Andaram, andaram, encontraram um homem voltando do emprego. Dirigiram-se a ele:

— Bom dia, compadre!

— Bom dia!

— Queremos perguntar-te uma coisa.

— Perguntem.

— Como é melhor viver no mundo: com a justiça ou com a injustiça?

— Eh, bons amigos, — disse o homem — onde encontrareis hoje em dia a justiça? Quanto eu trabalhei, labutei, não deu para encher meu bolso, e ainda o pouco que tive o patrão esvaziou. Como se pode sobreviver com a justiça? É melhor viver com a injustiça.

— Viste, irmão? — disse o rico. — Uma vez, eu tive razão.

O pobre ficou tristonho; foram adiante.

Encontraram um mercador.

— Bom dia, senhor!

— Bom dia!

— Nós queremos perguntar-lhe uma coisa.

— Perguntem.

— Como é melhor viver no mundo: com a justiça, ou com a injustiça?

— Ai, boa gente! Como se pode viver com a justiça? Se queres vender algo, cem vezes mentes e enganas o comprador. Se não, acabarás não vendendo.

E foi adiante.

— Pela segunda vez, tive razão! — disse o ricoço.

O pobre ficou muito preocupado. Foram andando. Andaram, andaram, encontraram um fidalgo.

— Bom dia, vossa graça!

— Bom dia!

— Queremos perguntar-vos uma coisa.

— Digam!

— Como é melhor viver neste mundo: com a justiça ou com a injustiça?

— Ai, boa gente! Onde haveria a justiça no mundo? Não se pode sobreviver com ela... Se eu devesse viver com a justiça, então — nem completou e foi andando.

— Pois bem, irmão, — disse o rico. — Voltemos para casa, e tu me entregarás teu gado!

O pobre voltou para casa, a preocupação o curvava... O rico pegou todo seu gado, deixou-lhe apenas a casa.

— Podes ainda morar nela, — disse — pois não preciso dela por enquanto. Depois procurarás outra morada.

O pobre ficou em casa com sua família — não havia mais nenhuma migalha de pão, nem havia jeito para se empregar, pois o trigo, por toda a parte, ainda não amadurecera. Sofreu, sofreu... As crianças chorando... Pegou uma tigela e foi pedir pão ao irmão rico.

— Dá-me, irmãozinho, pelo menos uma tigela de farinha ou de grãos; não temos mais comida; as crianças estão tontas de fome.

E o outro:

— Deixa tirar-te um olho, então te darei uma tigela de farinha.

O pobre pensou, pensou, e afinal teve que concordar.

— Tira meu olho — que Deus esteja contigo — apenas dá-me algo para comer.

O rico furou o olho do pobre e deu-lhe uma tigela de farinha. Este a levou para a casa. Quando a mulher o viu, exclamou:

— O que aconteceu, marido? Onde está teu olho?

— Perguntas onde? Foi meu irmão que o tirou.

Contou-lhe o acontecido. Os dois choraram, preocupados, e foram vivendo com aquela farinha.

Depois de uma semana, ou mais, de novo faltou pão. O pobre pegou a tigelinha e foi novamente à casa do irmão.

— Dá-me, caro irmão, um pouco de pão, pois o outro que me deste já se acabou.

— Deixa tirar teu olho, então te darei a tigelinha cheia!

— Como, então, caro irmão, viverei neste mundo? Já tiraste um olho meu. Tem piedade, dá-me pão de graça!

— Não, — respondeu o outro. — De graça não darei. Dá-me um olho por uma medida.

Era o jeito concordar.

— Pois tira, — disse o pobre. — Que Deus te perdoe!

O rico furou-lhe o outro olho também e encheu-lhe a tigela de farinha. O pobre a tomou e foi para a casa. Segurando-se pelas cercas, chegou apressado, trazendo o pão. Quando a mulher o viu, assustou-se.

— Como vais, meu marido, viver no mundo sem olhos? Nós poderíamos conseguir o pão de outra maneira, mas agora...

Chorou tanto, que não pôde pronunciar mais uma palavra. O marido lhe disse:

— Não chores, mulher! Vamos viver como outros... Não sou o único cego neste mundo: há muitos, e no entanto vivem sem olhos.

Em breve também aquele pão acabou: uma tigela não é muito, e havia muitos comedores — a família inteira!

— Agora, mulher, — disse o pobre — não há mais

como ir à casa do irmão. Leva-me atrás da aldeia, embaixo daquele alto choupo, à beira da estrada, na encruzilhada. Deixa-me lá sozinho o dia todo, e à noitinha virás me buscar para casa. Quem for a pé ou de carroça, talvez me dê um pedaço de pão.

A mulher o levou para lá, assentou-o embaixo do choupo e voltou.

O homem ficou sentado... Algumas pessoas lhe deram algo... À noitinha, a mulher atrasou-se: O homem se levantou, queria ir sozinho para casa, mas tomou sentido oposto e não acertou o caminho. Foi andando, foi andando, sem saber para onde. Eis que escutou a floresta murmurar acima dele. Teve que pernoitar na mata. Tendo medo dos animais, o homem conseguiu subir numa árvore e acomodou-se lá.

À meia noite reuniram-se naquele lugar, sob aquele carvalho, os diabos, entre eles o chefe. Este começou a perguntar a cada um o que fizera. Um disse:

— Eu consegui que um irmão furasse os olhos do outro por duas tigelinhas de centeio.

— Bem fizeste, — disse o chefe — mas teu trabalho não é perfeito.

— Por quê?

— Se o cego untar seus olhos com o orvalho que está embaixo desta árvore, verá de novo.

— Mas quem ouviu isso, quem sabe o que se deve fazer?

— E tu, o que fizeste? — perguntou o chefe ao outro.

— Eu sequei, na aldeia tal e tal, toda a água: não sobrou uma gota. Estão buscando água de trinta a quarenta léguas de distância. Muita gente está se acabando.

— Fizeste um bom trabalho, porém não perfeito, — disse o chefe.

— Como assim?

— Se alguém remover a grande pedra que está no último jardim, correrá água para a aldeia inteira.

— Mas quem ouviu isso, quem sabe o que se deve fazer?

— E tu, o que fizeste? — perguntou o chefe ao terceiro.

— Em tal e tal reino, o rei possui uma única filha, mas eu a ceguei, e os médicos não conhecem cura.

— Fizeste um bom trabalho, porém não perfeito.

— Como assim?

— Se alguém untar seus olhos com o sereno que está embaixo desta árvore, ela verá.

— Mas quem ouviu isso, quem sabe o que se deve fazer?

E o homem na árvore estava escutando tudo o que falavam. Quando foram embora, desceu da árvore, untou seus olhos com o orvalho e começou a enxergar. Então pensou: "Que bom, vou ajudar aos outros". Pegou um pouco daquele orvalho num frasco e foi embora.

Dirigiu-se à aldeia onde não havia água. Chegando próximo, encontrou uma velhinha carregando um par de baldes numa vara apoiada no ombro. Ele a cumprimentou, pedindo:

— Deixa-me beber, vovozinha!

— Ai, meu filho! Eu carrego esta água de trinta léguas e, até chegar em casa, entornarei a metade. Tenho, no entanto, uma grande família que está padecendo sem água.

— Quando eu chegar a tua aldeia, darei água para todos.

Ela lhe deu de beber, muito contente, e foi apressada para a aldeia com a boa nova. Alguns acreditaram, outros não, mas todos vieram a seu encontro, saudando-o:

— Salva-nos, amigo, de morte certa!

— Poi bem, — disse ele. — Só que eu preciso de ajuda. Levem-me até a última horta!

Foram guiando-o. Ele procurou e achou a pedra. Todos juntos levantaram-na, rolando-a para o lado... Conseguiram! Logo em seguida a água jorrou, enchendo os poços, os lagos e o rio. O povo ficou tão alegre que agradeceu àquele homem, presenteando-o com dinheiro e gado...

Ele sentou-se num carro e foi perguntando sobre o caminho para aquele reino. Chegando lá, aproximou-se do palácio do rei e disse ao povo:

— Ouvi falar que a princesa está doente, que os médicos não sabem curá-la. Talvez eu possa!

— Quem és tu, amigo? Ela tem famosos médicos que nada conseguem, quanto mais tu!

Não queriam deixá-lo entrar, mas ele insistia. Então não houve jeito: avisaram ao rei. Este o chamou ao palácio, para onde foi levado.

— Podes curar milha filha? — perguntou ele.

— Posso, — respondeu o homem.

— Se a curares, dar-te-ei o que quiseres.

Levaram o homem aos aposentos, onde a princesa estava deitada. Ele untou seus olhos com aquele orvalho, e ela principiou a enxergar. O rei ficou tão feliz, que não se pode descrever! Cumulou o homem de tantas riquezas que ele teve que levá-las de carroça puxada por cavalos para a casa!

Neste tempo, sua mulher vivia na miséria, sem saber onde estava seu marido. Pensava até que ele não estivesse mais neste mundo. Eis que ele chega de noite e bate na vidraça da janela:

— Abre a porta, mulher!

Reconhecendo sua vez, ela ficou tão feliz que saiu correndo, abriu a casa e levou-o para dentro, pensando que era cego.

— Faze luz, mulher! — disse o homem.

Ela acendeu a luz, olhou para ele e bateu palmas: seu marido estava vendo!

— Tu estás enxergando de novo! Como aconteceu isto? Conta-me, marido!

— Espera, mulher, antes vou acomodar o gado!

Começou a levar as riquezas para a casa. Seu irmão abastado não podia agora nem se comparar com ele!

Tornaram-se prósperos, vivendo felizes. O irmão rico ouviu falar disso e veio correndo:

— Como aconteceu, meu irmão, que estás vendo novamente e ficaste tão abastado?

O outro lhe contou tudo.

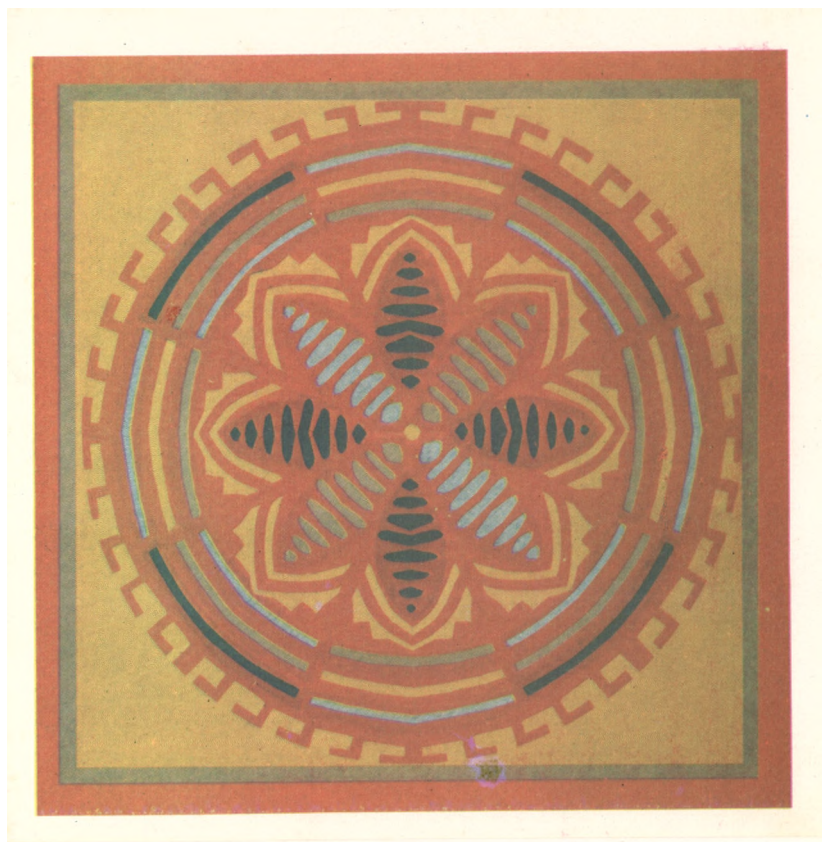
Então, o irmão rico quis conquistar ainda mais riquezas. Quando chegou a noite, dirigiu-se às escondidas àquela floresta, subiu na árvore e esperou. À meia noite vie-

ram voando de novo os diabos com seu chefe. Começaram a conversar.

— O que significa isso: ninguém soube o segredo, no entanto, o irmão cego já está enxergando, a água jorrou debaixo da pedra, e a princesa ficou curada. De certo alguém nos escuta. Vamos procurar!

Lançaram-se à procura, subiram na árvore, e lá estava o ricaço. . . Eles o pegaram e o fizeram em pedaços.

ARCO-ÍRIS, Kiev, 1969



O NAVIO VOADOR

Era uma vez um velho e uma velha que tinham três filhos: dois ajuizados e um tolo. Eles mimavam os ajuizados: a velha dava-lhes camisas brancas aos domingos, e todos ralhavam com o bobinho, debochavam dele; e ele ficava sentado em cima da lareira de camisa preta, sem calças. Se davam algo para comer, ele comia, se não davam — passava fome. Eis que chegou a notícia de um decreto do tzar para todos comparecerem a um almoço na corte, e aquele que construísse um navio voador e chegasse nele, casaria com a princesa.

Os irmãos ajuizados deliberaram:

— Vamos, talvez para lá tenha rolado nossa sorte!

Aconselharam-se, pedindo aos pais:

— Iremos ao palácio do tzar almoçar. Perder — nada perderemos, mas talvez para lá tenha rolado nossa sorte!

O pai tentou desaconselhar, a mãe também... Em vão!

Nada feito. Os velhos abençoaram os filhos para a viagem: a velha lhes cumulou de pães brancos, assou um leitão, — e eles se foram.

E o tolo, sentado na lareira, pediu também:

— Eu quero ir para onde foram meus irmãos!

— Como irás, tolo? — disse a mãe. — Os lobos te comerão pelo caminho.

— Não comerão, — disse ele. — Eu irei!

Primeiro os velhos riram dele, depois deram para ralar. Em vão! Viram que nada podiam com o tolo, então disseram.

— Vai, mas não voltes mais e nem confesses ser nosso filho!

A velha lhe deu uma bolsa, botou dentro pão preto duro, uma garrafa com água e levou-o para fora da casa. Ele foi embora.

Andou, andou, eis que encontrou no caminho um ancião, bem grisalho, com a barba inteiramente branca até a cintura!

— Bom dia, vovô!

— Bom dia filho!

— Para onde vais, vovô?

E ele respondeu:

— Ando pelo mundo e ajudo aos homens na necessidade. E para onde tu vais?

— Para a casa do tzar, almoçar.

— Será que sabes fazer um navio voador? — perguntou o ancião.

— Não sei, não, — respondeu o tolo.

— Então, para que vais?

— Quem sabe, para quê? Perder — não perco nada, mas talvez para lá tenha rolado minha sorte.

— Senta-te, — disse o velho. — Descansarás um pouco, vamos almoçar. Tira o que tens na bolsa!

— Não há nada que preste, avô, apenas pão duro que não poderás morder.

— Não faz mal, tira para fora!

O tolo tirou o que tinha na bolsa, mas o pão preto transformou-se em pãezinhos brancos, gostosos, como nunca tinha comido na vida. Pareciam ter vindo da mesa dos grandes senhores!

— Estás vendo? — disse o ancião.

Eles deitaram seus casacos na relva, sentaram-se a almoçar. Almoçaram bem, o velho agradeceu ao tolo pelo pão e disse:

— Escuta, filho: vai agora à floresta, chega perto de uma árvore e bate com o machado no tronco. Tu mesmo deita-te de bruços e fica deitado até que sejas acordado. Então, o teu navio estará pronto. Senta-te nele e voa para onde quiseres, só que pelo caminho deves recolher todos os que encontrares.

O tolo agradeceu, e eles se despediram. O ancião continuou seu caminho, o tolo foi à floresta.

Chegando na mata, aproximou-se de uma árvore, bateu no seu tronco com o machado, deitou-se de bruços e adormeceu. Dormiu, dormiu... Depois de um tempo sentiu que alguém o despertava:

— Levanta-te, a tua sorte já veio, levanta!

O tolo acordou e viu um navio: todo de ouro, os mastros de prata e velas de seda, enfunadas para voar! Então, sem pensar muito, ele sentou-se no navio, e este levantou vô. Voou mais baixo que o céu e mais alto que a terra.

Voou, voou, até que o tolo olhou e viu um homem ajoelhado na estrada, com o ouvido na terra, escutando. O tolo exclamou:

— Bom dia, tio!

— Bom dia, sobrinho!

— O que fazes?

— Escuto, se o povo já se juntou na corte do tzar para o almoço, — disse aquele.

— Será que também vais até lá?

— É isso mesmo.

— Vem comigo, eu te darei carona.

O Escutador sentou-se. Foram voando.

Voaram, voaram, eis que viram um homem na estrada pulando numa perna. A outra estava amarrada atrás da orelha.

— Bom dia, tio!

— Bom dia, sobrinho!

— Por que pulas numa perna?

— Porque, se eu desamarrar a outra, com um passo atravesso o mundo inteiro. E isso eu não quero.

— Para onde vais?

— Para a corte do tzar, almoçar.

— Vem conosco.

— Pois não.

O Andaligeiro sentou-se. Foram voando novamente.

Voaram, voaram e viram na estrada um caçador mirando o alvo com arco e flecha, mas não se via nem ave, nem animal.

O tolo exclamou:

— Bom dia, tio! O que estás mirando, se não se vê nem ave, nem animal qualquer?

— Que mal faz, que não se veja? Vocês não vêem, mas eu vejo uma ave!

— Onde a vêes?

— Lá, a cem léguas daqui, está sentada numa pereira seca.

— Vem conosco.

O Atirador sentou-se e foram voando.

Voaram, voaram, eis que viram um homem andando, carregando um saco de pão nas costas.

— Bom dia, tio!

— Bom dia!

— Para onde vais?

— Vou procurar pão para o almoço.

— Mas já tens um saco cheio de pães.

— O que é isso aqui? Não dá nem para merenda.

— Vem conosco!

— Pois bem!

O Comilão sentou-se; foram voando.

Voaram, voaram, eis que viram um homem andar em torno do lago, procurando alguma coisa.

— Bom dia, tio!

— Bom dia!

— Por que andas aqui em torno do lago?

— Estou com sede, mas não encontro água.

— Como assim? Diante de ti está o lago cheio, por que não bebes?

— Mas toda essa água aqui não basta nem para um gole meu!

— Senta-te conosco!

— Pois não!

O Beberrão sentou-se. Foram voando.

Voaram, voaram, eis que viram um homem indo para a aldeia, carregando um feixe de palha.

— Bom dia, tio! Para onde carregas esta palha?

— Para a aldeia, — disse aquele.

— Será que na aldeia não há palha?

— Há, mas não como esta, — respondeu o homem.

— Que palha é esta?

— Ela é assim: mesmo havendo um verão abrasador, espalhando-se esta palha, logo surgirá geada e neve.

— Vem conosco!

O Geador sentou-se. Foram voando adiante. Voaram, voaram, eis que viram um homem ir para a floresta, carregando um feixe de lenha nas costas.

— Bom dia, tio!

— Bom dia!

— Para onde vais com esta lenha?

— Para a floresta.

— Será que na floresta não há lenha?

— Quem disse que não há? — respondeu este. — Há, mas não da mesma espécie.

— Que espécie é essa?

— Na floresta, — disse ele — há lenha simples, e esta aqui, quando a gente espalha, faz surgir um exército em tua frente!

— Vem conosco!

Ele concordou, e foram voando.

Não se sabe quanto tempo voaram, mas finalmente chegaram para o almoço no palácio do tzar. E lá, no meio da corte, havia mesas postas, barris cheios de mel e aguardente tirados da adega! Era só comer e beber à vontade! A metade do império juntou-se: os velhos, os jovens, senhores ricos e mendigos. O tolo chegou com os companheiros naquele navio e desceu diante das janelas do tzar. Eles saíram da nave e foram almoçar.

O tzar olhou pela janela e viu alguém chegar num navio de ouro. Mandou o lacaio olhar:

— Vai lá e pergunta quem veio voando naquele navio de ouro!

O lacaio foi olhar e voltou dizendo:

— Vieram uns campônios de roupa rasgada.

O tzar não quis acreditar:

— Como é possível que camponeses chegassem num navio de ouro! Decerto não olhaste bem!

Foi ele próprio espiar entre o povo, perguntando:

— Quem foi que veio neste navio voador?

— Eu! — disse o tolo, dando um passo para frente.

O tzar olhou e, vendo que estava com um casaquinho remendado, seus joelhos saindo das calças, pegou a cabeça nas mãos: “Como casarei minha filha com um campônio semelhante?!” O que fazer? Então começou a inventar caprichos:

— Vai — disse ao lacaio — e dize-lhe que, embora tenha vindo num navio voador, se não conseguir água salvadora e água vivificadora, enquanto o povo almoça, não terá a princesa por esposa, e esta espada cortar-lhe-á a cabeça!

O lacaio foi levar ao tolo a mensagem.

Mas o Escutador, o mesmo que estava ouvindo tudo com a orelha junto à terra, escutou o que o tzar havia dito e contou ao tolo. Este estava sentado no banco, pois em torno das mesas havia bancos, e ficou preocupado, sem comer e beber. O Andaligeiro percebeu isso:

— Por que não comes? — perguntou.

— Como posso comer? Não entra na garganta.

Contou-lhe tudo:

— O tzar inventou que eu deva, antes que o povo termine de almoçar, arranjar-lhe a água salvadora e a água vivificadora... Como posso fazê-lo?

— Não fiques preocupado. Eu a trago para ti!

— Vê só!

Veio o lacaio trazendo-lhe a mensagem do tzar, mas ele já sabia há muito tempo do que se tratava.

— Dize ao tzar que trarei! — respondeu ao lacaio. Este foi embora. O Andaligeiro desamarrou sua segunda perna da orelha e se mandou: num instante pegou a água salvadora e água vivificadora. Tendo tirado a água, cansou-se. “Ainda há tempo”, pensou. “Enquanto o povo almoça, conseguirei voltar, mas agora vou me sentar embaixo do moinho para descansar”.

Sentou-se e adormeceu. O povo já estava terminando o almoço, e ele ainda não tinha voltado. O tolo estava morto de medo. “Estou perdido!” — pensava.

O Escutador inclinou o ouvido junto à terra para escutar. Escutou, escutou...

— Não te preocupes! — disse ao tolo. — Está dormindo junto ao moinho, o filho do demo!

— O que fazer? — perguntou o tolo. — Como vamos acordá-lo?

O Atirador disse:

— Não te preocupes, eu o acordo!

Retesou o arco, soltou a seta, esta acertou no moíno que se desfez em estilhaços. O Andaligeiro acordou e se apressou de volta. O povo estava terminando o almoço quando ele trouxe a água milagrosa.

“O que fazer?” — pensou o tzar. Eis que ele inventou um outro capricho:

— Se comer com seus companheiros duma só vez seis pares de bois assados e quarenta fornos de pão, então eu lhe darei minha filha por esposa, se não — minha espada cortar-lhe-á a cabeça!

O Escutador ouviu tudo e contou ao tolo.

— O que farei agora? Eu não sou capaz de comer nem um único pão inteiro, — disse o tolo. Ficou muito preocupado, chorando. Mas o Comilão disse:

— Não chores, eu comerei por todos, e ainda vai faltar comida para mim!

Veio o lacaio com o novo recado. O tolo lhe disse:

— Pois bem, que sirvam à mesa!

Então foram assados doze bois e quarenta fornos de pão. O Comilão principiou a comer e limpou os pratos, pedindo:

— Só isso? Poderiam dar ainda um pouquinho...

O tzar reparou que nada podia fazer e inventou um novo capricho: que o tolo bebesse quarenta barris de água, cada um de quarenta medidas, de um trago só, e se não bebesse — a sua espada lhe cortaria a cabeça.

O Escutador tudo ouviu e contou ao tolo. Este chorou.

— Não chores! — disse o Beberrão. — Eu beberei tudo por ti, e ainda será pouco para mim.

Então trouxeram-lhes, rolando, quarenta barris de água e vinho. O Beberrão começou a beber, esvaziou tudo e ainda sorriu:

— É pouco! Tenho vontade de um traguinho mais!

O tzar viu que nada podia fazer e pensou: “Tenho que acabar com este filho do demo, se não, ele fará minha filha infeliz”. Ele mandou o lacaio com este recado ao tolo:

— Vai dizer-lhe que o tzar manda que tome banho antes do casamento.

E ao outro lacaio mandou avisar para que o banheiro de ferro fosse bem aquecido. “Que aquele João Ninguém se asse lá dentro.” O aquecedor esquentou o banheiro — este ficou em brasa: o próprio diabo poderia assar-se nele!

Deram o recado ao tolo. Ele foi para lá, seguido pelo Geador com sua palha. Mal chegaram, sentiram um abafamento insuportável! Mas o Geador espalhou a palha e logo ficou tão frio, que o tolo a custo se molhou e para se esquentar depressa subiu na lareira, dormindo em seguida. De manhã abriram a porta, pensando que dele tivesse sobrado apenas cinza... E ele vivinho na lareira! Acor-daram-no.

— Como dormi profundamente! — disse e foi embora.

Contaram tudo ao tzar: que estava dormindo em cima da lareira, e que no banheiro estava tão frio, como se não tivesse sido aquecido o inverno inteirinho. O tzar ficou carrancudo: o que fazer? Pensou, pensou, pensou, pensou...

— Bem, — disse afinal — se conseguir para mim de manhã cedo um batalhão de soldados, então dar-lhe-ei minha filha, e se não o trouxer — minha espada cortará sua cabeça.

E ele próprio pensou com seus botões: “Como este simples campônio pode conseguir um batalhão de soldados? Eu sou tzar, e mesmo eu não o consigo facilmente...”

Mandou-lhe este aviso.

O Escutador ouviu tudo antes, contando ao tolo. Este de novo sentou-se a chorar:

— O que farei agora, pobre de mim! De onde tirarei este exército?

Foi ao navio, falando aos companheiros:

— Ajudem, irmãos! Todas as vezes me ajudaram até aqui, pois não me abandoneis agora! Se não — estou morto!

— Não chores! — disse o Carregador de lenha. — Eu te ajudarei.

Chegou o lacaio:

— O tzar disse que, se arranjares até amanhã de manhã um batalhão de soldados, a princesa será tua!

— Arranjarei! — disse o tolo. — Apenas avisa ao tzar que, se esta vez não me der a filha, eu farei guerra contra ele e tirarei a princesa à força!

De noite, o companheiro levou o tolo até o campo, carregando consigo o feixe de lenha. Começou a espalhá-la: cada vez que jogava um graveto — surgia um soldado. Apareceu um exército tão grande, que Deus me livre! De manhã, o tzar acordou e ouviu o toque da banda. Ele perguntou:

— Quem toca tão cedo?

Disseram-lhe:

— É aquele que veio num navio de ouro! Ele exercita seus soldados!

O tzar viu que nada podia fazer e mandou-o chamar a sua presença.

O tolo chegou e o laçao o fez entrar. Ele ficou tão diferente que ninguém o reconhecia: sua veste toda resplandecente, a boina dourada, e ele próprio tão belo que não se pode descrever! À frente do seu exército sentado num cavalo negro, atrás dele os comandantes.

— Parem! — exclamou.

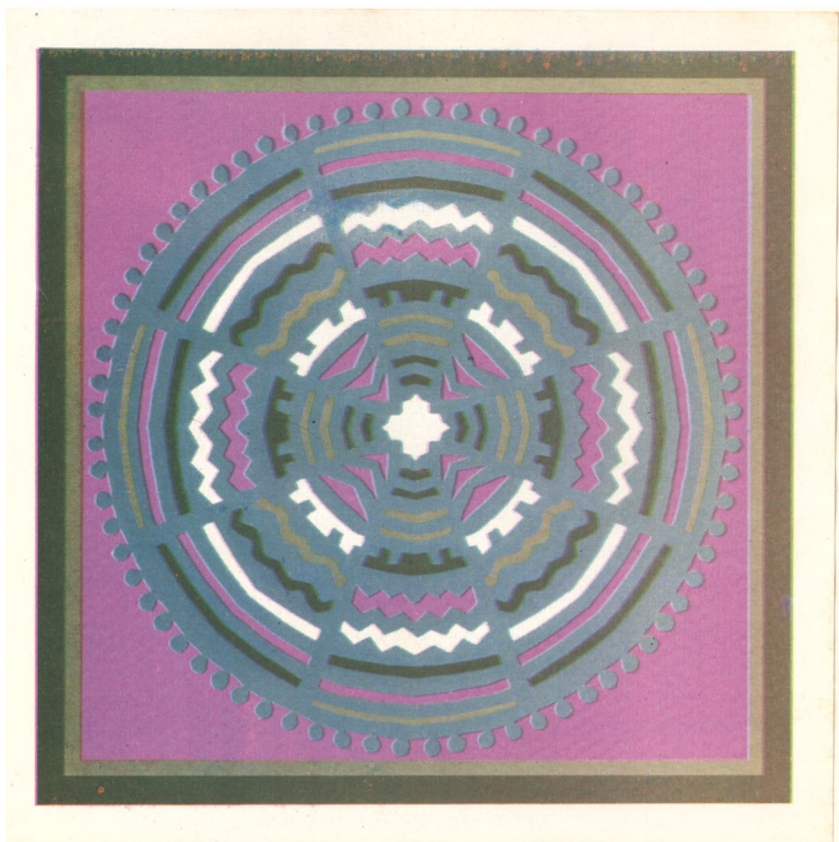
O exército parou em fila — como se fosse de pedra! O tolo entrou no palácio: o tzar o abraçou e o beijou:

— Senta-te, meu caro genro!

Apareceu a princesa. Quando o viu, deu uma risada: que marido formoso teria!

Então, eles se casaram rapidamente e fizeram um banquete tão grande que a fumaça subiu até o céu!

Gh. S. Sukhobrús: CONTOS POPULARES
UCRANIANOS, Kiev, 1951



O REI DO MAR E SUAS FILHAS

Vivia outrora um mercador muito rico com sua esposa; eles tiveram um filho. Criaram-no, fizeram seu casamento e depois morreram. Primeiro faleceu o mercador, depois sua esposa. Ficou só o filho com sua jovem companheira. Ele refletiu: "O que fazer? Que profissão abraçar?" Pensou, pensou, depois decidiu: "Meu pai, que descanse em paz, não ficava sentado em casa e sim viajava pelos distantes países estranhos. Farei a mesma coisa."

Encheu três navios de toda espécie de mercadoria, despediu-se de sua mulher e foi a terras distantes. Nesse tempo, em casa, sua mulher já estava grávida, mas ele não o notara. Nos países para onde foi, vendeu bem sua mercadoria, e no sétimo ano comprou outros bens e, lotando não só três mas doze navios inteiros, zarpou de volta. Alguns navios seguiam à frente, outros atrás, e ele viajava no meio. Quando estava em alto mar, de repente seu navio parou. O que não fizeram para tirá-lo do lugar? Quanto o empurraram, sem nada conseguirem! O navio parecia fincado no mesmo lugar, sem se mexer. O mercador fez um mergulhador verificar em que estava preso.

O mergulhador foi ao fundo do mar e, vendo um ancião segurar o navio com uma das mãos, perguntou:

— Por que seguras o navio?

— Vai dizer a teu senhor que, se quiser voltar para a casa, deve me entregar aquilo que ele lá não conhece; se não, eu afundarei a todos.

O mergulhador voltou e disse ao mercador:

— No fundo do mar há um velho que segura o navio com uma só mão e manda te dizer que se lhe deres aquilo que não conheces em tua casa, ele te deixará partir, se não — vai afundar a todos nós.

O mercador respondeu:

— Mergulha para junto dele e pede que me dê pelo menos três horas de trégua, para eu refletir o que tenho em casa.

O mergulhador desceu novamente ao fundo do mar e pediu ao velho trégua por três horas. O velho respondeu:

— Não apenas três horas, mas se quiseres, três dias!

O mergulhador subiu à superfície e contou tudo ao mercador. Este se pôs a pensar e anotar tudo que havia em sua casa. Lembrou-se de todas as coisas, apenas não sabia que nascera um filho seu e que já, com sete anos de idade, freqüentava a escola e aprendia a ler. Quando acabou de anotar tudo, mandou o mergulhador para dentro do mar:

— Dize ao velho que lhe dou aquilo que não conheço em minha casa.

Desceu o mergulhador novamente e deu o recado ao velho. Este lhe respondeu:

— Não acredito em palavras: ele tem que me dar um papel assinado com seu sangue.

O mercador logo cortou a ponta do dedo e escreveu com seu sangue que entregava ao velho aquilo que não conhecia em sua casa, mandando com este documento o mergulhador para o fundo do mar.

Mal o velhinho pegou no papel, largou o navio e logo este se pôs a andar tão depressa, que passou os primeiros navios.

E o velho, tendo recebido o documento, levou-o à cidade de onde procedia o mercador e onde vivia sua mulher com o filho. Jogou-o no caminho deste, acrescentando nele ainda estas palavras: “A ti, caro menino, teu pai entregou a mim como servo, dando-me este documento escrito com seu sangue. No entanto, não te preocupes, eu não te levarei logo e sim depois de cinco anos, quando completares doze. Então abandonarás teus pais e virás para junto de mim.”

O filho, vindo da escola, encontrou o papel, apanhou e leu, dizendo:

— Não se pode fazer nada: não posso desmentir a palavra do meu pai, nem fazê-lo passar por mentiroso.

Teve grande pena de precisar abandonar sua mãe querida e seu pai, a quem, mesmo que não o tivesse visto desde que nascera, amava muito e não desejava deixar. Entristecia-se sozinho, calado, para não fazer sua mãe sofrer. Mas eis que seu pai avisou a todos os seus parentes que estava voltando a sua cidade com doze navios. Todos eles e sua mulher com o filho foram recebê-lo. O mercador, vendo sua esposa, abraçou-a e beijou-a, mas não reparou no filho que estendia os braços por seus beijos. Vendo-o, perguntou a sua mulher:

— Que menino é este?

— Meu querido, este é o nosso filhinho, que nasceu em tua ausência. Esqueceste que me deixaste esperando um filho?

Então o pai se deu conta de que o entregara ao velho o qual estava segurando seu navio. Suspirou pesadamente e disse:

— Eis o que foi.

O filho logo adivinhou por que seu pai ficou triste, dizendo-lhe:

— Não te entristeças, meu pai! Não me tomarão logo de ti: até doze anos viverei junto a vocês, tenho ainda cinco anos.

A mãe, que de nada sabia, perguntou:

— De que estão falando, que eu não entendo?

Eles lhe contaram. Os pais ficaram desolados, com muita pena de seu filho. Mimaram-no muito, tanto que ele levava uma vida como em um paraíso.

Quando o jovem completou doze anos, disse a seus pais:

— Façam algumas torradinhas para mim: é tempo de partir para o serviço no reino do velho.

Os pais lhe fizeram as torradas, puseram dentro de uma mochila, despediram-se dele e o deixaram partir.

Ele foi andando até chegar à beira do mar e sentou-se para descansar. Reparou na margem um arbusto muito viçoso, com bagos vermelhos. Ficou a admirá-lo, dizendo:

— Que arbusto é este que eu nunca vi antes? Meu pai tem um vasto jardim com várias árvores, mas não possui nenhuma igual a esta. Que espécie de árvore é?

Era o viburno. Enquanto ele o olhava, via onze patos selvagens voando, e o décimo segundo seguia, separadamente, atrás deles. Vinham vindo em sua direção, então ele escondeu-se atrás do arbusto. Os patos selvagens desceram e se transformaram em belas donzelas, que tiraram suas roupas e começaram a banhar-se no mar. Depois do banho foram embora voando. Chegou o décimo segundo e transformou-se na mais linda donzela. Tirou sua roupa e foi tomar banho. O filho do mercador pegou a roupa e escondeu-se novamente atrás do arbusto, ficando lá calado, imóvel. Quando a moça terminou o banho, saiu à margem, procurando seu vestido, mas não o achou. Disse então:

— Quem está aqui? Se for um homem idoso — que seja meu pai, se for uma mulher idosa — que seja minha mãe, se for uma pessoa madura — seja meu irmão ou minha irmã, se for um jovem — que seja meu esposo!

O jovem saiu de trás do arbusto e entregou-lhe a roupa. Ela ficou tão contente, que nem se pode dizer como, pois diante dela estava um belo rapaz, como mais formoso não se encontra no mundo.

— Quem és, cossaco? — perguntou a ele.

— Sou tal e tal. Meu pai viajava no mar, e um ancião fez seu navio parar dizendo que, se meu pai não lhe entregasse aquilo que possuía, sem o saber, em casa, ele afundaria toda sua gente. E eu nasci na ausência do meu pai, ele não me conhecia. Agora estou indo para servir ao velho.

— Está bem! — disse sua prometida. — Aquele ancião grisalho, que segurava o navio, é meu superior: eu sou sua serva. Somos doze a seu serviço. Talvez tenhas visto onze patos selvagens voar à minha frente: são as minhas companheiras. O velhinho quer casar-me contigo. Apenas presta bem atenção: se fores esperto — terás sorte, se não — haverá desgraça: tua cabeça penderá num galho, como já estão penduradas onze. O velho queria casar todas as servas, mas entre onze pretendentes não se achou nenhum que soubesse superá-lo em astúcia, assim todos pereceram.

Então mostrou-lhe o caminho para chegar ao reino do velho.

— Vai por este caminho, até chegares a uma vereda que desvia para a esquerda, seguirás por ela até um lugar coberto de cobras. Não te assustes, passa sem olhar para trás, elas te deixarão, mas, se olhares para trás, te devorarão. Depois chegarás a um lugar repleto de feras. Passa sem olhar para trás, deixar-te-ão em paz. Depois daquele lugar verás, do lado esquerdo, uma casa sobre um pé de galinha. Entra nela, pois eu vivo lá dentro. Agora adeus, meu caro amigo! Cuida de ti: se prestares bem atenção — terás sorte, se não — tua cabeça penderá do galho, como as outras onze!

Depois de dizer isso, ela se transformou num pato selvagem e foi embora voando.

O filho do mercador seguiu pelo caminho indicado. Chegou finalmente à vereda, seguindo pela mesma até o lugar coberto de cobras. Passou por elas corajosamente, elas lhe cederam passagem. Chegou até o lugar repleto de feras. Avançou com coragem, e elas deixaram-no passar. Quando veio finalmente à clareira, viu uma pequena casa sobre um pé de galinha e alegrou-se muito. Aproximou-se e bateu na janelinha. Saiu sua bem-amada, abriu-lhe a porta, levou-o para dentro, deu-lhe de comer e beber. Contou-lhe então:

— Somos doze servas do velho. Ele vive em um palácio rico e se ocupa de magia. A todas nós ele espalhou em volta de si a doze léguas de distância; também, a doze léguas, uma irmã da outra. Pois agora, meu amado, é tempo de dormir. Logo chegará um mensageiro do velho, porque ele envia um arauto alado com seus recados para todas as doze casas. Cuida, pois, meu amigo, quando este arauto chegar! Não importa o que ele disser, cala, como se não estivesses em casa. Depois vamos nos aconselhar, o que devemos fazer.

Fez-lhe um leito embaixo de um banco e apagou a luz. Mal eles se deitaram e começaram a cochilar, chegou o arauto voando junto à janela, gritando:

— O velho manda que todas vocês se apresentem amanhã de rosto igual, de roupa igual, de sapatos iguais, cada uma com um ramo de cobre, pois já veio o genro do velho. — (Era o filho do mercador.) Dizendo isso, o mensageiro foi embora.

— Agora, meu bem-amado, é necessário fazer o devido, — disse a moça ao filho do mercador. Deu-lhe um bastão de cobre e recomendou:

— Irás por tal e tal caminho, chegando até um portão de ferro, onde estarão presos dois leões. Quando chegares e eles se lançarem em cima de ti, grita: “Calem, feras malditas! Eu vou a serviço do velho!” Então eles te deixarão passar. Quando chegares até a porta, avança com o bastão e bate nela para que se quebre. O velho gritará: “Quem é?” E tu responde corajosamente: “Sou eu, vovô! Estou chegando a serviço!” Então ele te guiará até onde nós todas estaremos perfiladas iguaizinhas de rosto, roupa e sapato. Eu ficarei do lado, no meu pé esquerdo o salto estará torto. Tu logo me reconhecerás, mas não deves confessá-lo: passa uma vez e outra, olhando cada uma de nós. O velho vai ralhar contigo, mandando escolher rapidamente tua prometida, e se não escolheres a certa, tua cabeça penderá do galho. Tu, entretanto, não te perturbes e responde: “Calma, vovô! Não é a mesma coisa que colher uma maçã: a gente dá uma mordida e se é gostosa, a gente come, se não — joga-a fora. Eu terei que viver a vida toda com a minha esposa”. Na terceira vez me escolhe. Agora adeus, meu querido amigo!

Saiu voando. Ele seguiu o caminho indicado por ela. Chegou até o palácio do velho e, junto do portão de entrada, havia dois leões amarrados. Quando o viram, lançaram-se com urros a seu encontro. Ele gritou:

— Calem-se, feras malditas! Eu vou servir o velho!

Os leões o deixaram passar. Ele chegou ao palácio, avançou seu bastão e bateu na porta que se fez em pedaços.

— Quem és? — perguntou o velho.

— Sou eu, cheguei a serviço!

— Chegaste em tempo, está na hora, jovem! Vamos escolher tua noiva. Mas, vê bem, se não souberes escolher, tua cabeça balançará no galho!

Foram andando e chegaram a um prado. Lá estavam todas as doze moças, iguais umas às outras. O filho do mercador logo viu sua prometida, mas não demonstrou.

Passou uma vez por elas — não escolheu nenhuma. O velho disse:

— Por que andas à toa? Será que nenhuma te agradou? Escolhe rapidamente!

— Eh, vovô! Não é uma maçã que a gente colhe do galho: se é boa, a gente a come, se não é, a gente a joga fora. Terei que viver a vida inteira com minha mulher!

Passou pela segunda vez ao longo da fila — não escolheu nenhuma moça. O velho ralhou com ele ainda mais, mas o filho do mercador respondeu:

— Espera, vovô! Terei que viver com ela a vida toda! Pela terceira vez ele escolheu a sua bem-amada.

— Pois bem: a reconheceste! Vai te divertir por hoje, eis o dinheiro para ti. Amanhã voltarás novamente para cá: se a escolheres olhando até três vezes — será tua, se não — tua cabeça balançará no galho!

O filho do mercador pegou o dinheiro e foi dançar: divertiu-se bastante, mas à meia noite veio à casa da sua bem-amada para pernoitar. Ela lhe ofereceu uma ceia, dizendo:

— O dia de hoje passou bem. Deus permita que ainda os dois outros passem assim. Deita-te, meu caro amigo, de novo embaixo deste banco e fica calado, como se não estivesses aqui e não ouvisses o que vão dizer.

Mal se deitaram, apagando a luz, eis que de novo veio voando um mensageiro do velho. Bateu na janela:

— O velho manda para que amanhã todas estejam presentes, de face, roupa e sapatos iguais, e que cada uma segure um ramo de prata na mão.

E foi embora.

— Agora, meu bem-amado, é preciso contar os dias. Forjou-lhe um bastão de prata, recomendando:

— Irás amanhã novamente pela estrada de hoje. Quando chegares até o portão e os leões te atacarem, grita-lhes: “Vou servir na casa do velho!” Quando chegares até a porta, que será mais resistente, avança para quebrá-la. Logo que a quebrares, o velho perguntará: “Quem é?”. Então responde: “Sou eu, avô, chegando a serviço!” Ele te guiará até onde nós estaremos em fila. Eu ficarei de lado, meu dedo mindinho da mão esquerda estará dobrado. Mesmo que me reconheças, não deves me esco-

Iher logo, mas passa por mim uma e outra vez, escolhendo só pela terceira. Se o velho ralar, responde-lhe a mesma coisa que respondeste antes.

No dia seguinte, quando raiou o dia na janela, ela se despediu dele e voou. Ele se dirigiu também para lá. Quando chegou ao portão, os leões se atiraram contra ele, mas o jovem gritou:

— Calem, malditas feras! Eu vou servir ao velho!

Então eles o deixaram passar. Logo que ele chegou junto à porta, avançou com seu bastão e bateu nela até a fazer em pedaços.

— Quem é? — gritou do palácio o velho.

— Sou eu, vovô. Cheguei a serviço!

— Chegaste em tempo, está na hora! Vamos escolher tua prometida. Mas toma cuidado: se não a escolheres, tua cabeça há de balançar no galho como décima segunda!

— Pois bem, vovô, será como mandas!

Chegaram novamente ao prado, onde estavam perfiladas as doze donzelas. O filho do mercador logo percebeu sua prometida, mas passou uma vez, sem a escolher, a segunda vez também não a escolheu. O velho ralhou com ele:

— O que pensas, malandro: não te agradou nenhuma delas?

— Eh, vovô! Não é a mesma coisa que colher uma maçã da macieira: se é boa — comer, se não é boa — jogar fora. Terei que viver com ela a minha vida inteira!

Pela terceira vez ele a escolheu.

— Pois bem! — disse o velho. — Vai agora divertir-te, e amanhã volta: se a escolheres, será tua.

Deu-lhe muito dinheiro. O filho do mercador dançou e se divertiu, mas à meia noite voltou para sua bem-amada. Cearam juntos e foram descansar. Apenas conseguiram apagar a luz, quando veio voando o mensageiro do velho. Bateu na janela, gritando:

— O velho mandou que amanhã deveis aparecer todas, de face, roupa e sapatos iguais, e que cada uma tenha um ramo de ouro nas mãos.

— Está bem! — respondeu-lhe a moça.

Logo forjou um bastão de ouro para seu bem-amado e disse:

— Cuida bem, meu caro amigo, de fazer tudo como nos dois primeiros dias. Quando chegares ao portão, grita para os leões, aproximando-te da porta, quebra-a com o bastão e quando fores me escolher, passa duas vezes e só escolhe na terceira.

De manhã, a sua prometida voou. O filho do mercador dirigiu-se também naquela direção. Quando chegou ao portão, os leões de novo o agrediram, mas ele lhes gritou:

— Calem, feras malditas! Vou a serviço na casa do velho!

Eles o deixaram. Chegou à porta, avançou, quebrando-a.

— Quem é? — perguntou o velho.

— Sou eu, vovô. Cheguei a serviço.

— Chegaste em tempo, está na hora! Vamos escolher tua noiva.

O filho do mercador passou uma vez — não reconheceu sua prometida (e no entanto ele a viu logo), passou pela segunda vez, também não a achou. O velho ralhou com ele mais fortemente. Pela terceira vez ele a escolheu.

— Pois bem! Agora que ela seja tua para sempre!

Eles ficaram noivos, depois foi celebrado o casamento. O velho encheu doze navios de ouro e prata e deu ao jovem par que voltou para os pais do noivo.

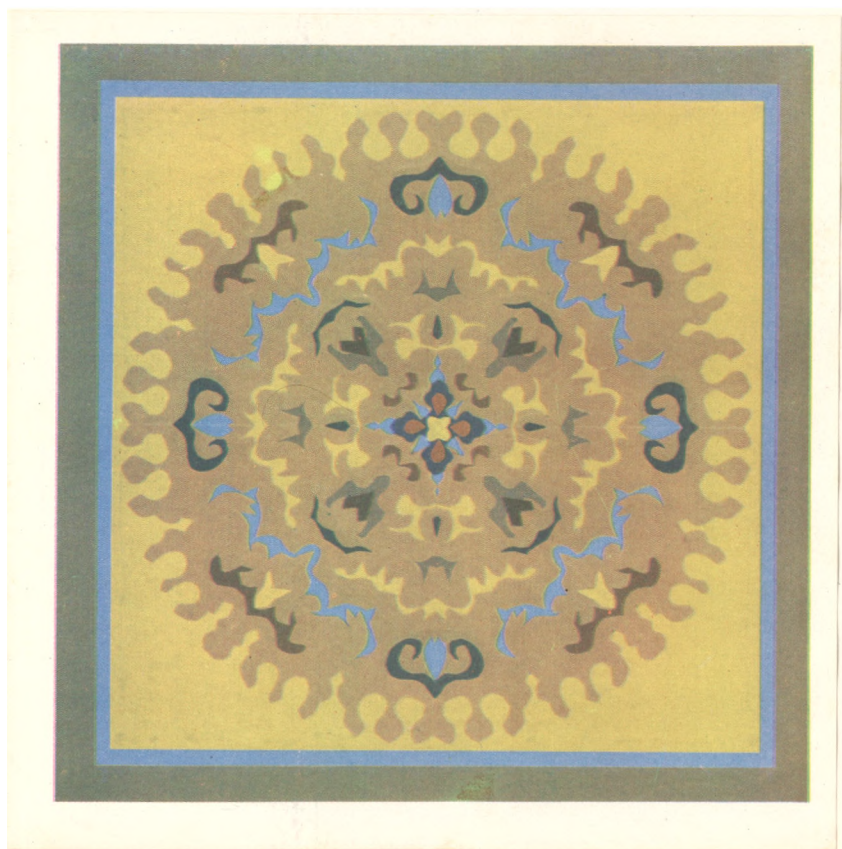
Quando o filho do mercador chegou de volta a casa, os felizes pais chamaram convidados e celebraram outras bodas.

Eu também estive presente:

Bebi mel e aguardente,

Que escorrendo pela barba

Não entraram na garganta.



CIRILO-CURTIDOR

Um príncipe reinava em Kiev, e perto de Kiev vivia um dragão. Cada ano mandavam para este uma vítima: um jovem ou uma moça. Eis que chegou a vez da própria princesa. Nada se podia fazer: se os súditos sacrificavam seus filhos, o príncipe tinha que sacrificar sua filha princesa também. Enviou-a como oferenda ao dragão. A filha era tão bela que nem se pode descrever! O dragão apaixonou-se por ela. Então, ela lhe fez um agrado, perguntando:

— Existe no mundo algum homem que possa vencer-te?

— Existe, — respondeu o dragão. — Ele vive em Kiev sobre o rio Dnieper. Quando acende a lareira, a fumaça vai até o céu, e quando desce ao rio para molhar os couros — ele é curtidor — então não carrega um só, mas uma dúzia deles. Quando eles incham na água do Dnieper e eu ainda me prendo neles, para ver se consegue tirá-los, ele nem liga: puxa até a mim mesmo para a margem. Só deste homem tenho medo.

A princesa pensou como podia mandar uma notícia para casa e conseguir sua liberdade. Não tinha ninguém junto dela, apenas um pombo que ela criara em Kiev. Pensou, pensou, depois escreveu ao pai:

— Assim e assim, — dizia, — lá em Kiev vive um homem chamado Cirilo, com apelido de Curtidor. Pede aos anciãos que intercedam para que ele lute contra o dragão livrando-me do cativeiro. Implora-lhe com palavras e presentes, mas cuida para que ele não se ofenda com qualquer gesto estranho!

Assim ela escreveu, amarrou a carta sob a asa do pombinho e deixou-o voar. O pombinho levantou-se ao teto

do céu e chegou até o palácio, no pátio do príncipe. Crianças corriam pelo pátio e viram o pombo:

— Pai, pai! — disseram. — Vê, veio o pombinho da irmã!

O príncipe ficou primeiro alegre, depois pensou e se entristeceu: “Decerto o maldito monstro matou minha filha!” Depois atraiu o pombinho para perto de si e reparou num cartão debaixo da asa. Pegou e leu o que a filha tinha escrito. Logo chamou todos os comandantes:

— Será que vive entre nós um homem apelidado de Cirilo Curtidor?

— Sim, príncipe. Ele vive na margem do Dnieper.

— Como se deve falar com ele, para que não se ofenda e me atenda?

Aconselharam-se e mandaram para ele os homens mais idosos. Estes chegaram à sua casa, abriram devagarinho a porta e se assustaram: depararam com Cirilo no chão, virado de costas, amaciando com suas mãos doze couros. Apenas se via balançar sua imensa barba branca. Um dos delegados pigarreou. Cirilo levou um susto, e os couros estalaram: crac-crac! Virou-se para os embaixadores, e estes se inclinaram:

— Tal e tal: o príncipe nos mandou para ti com um pedido...

Nem olhou direito para eles, nem escutou: ficou zangado que, por causa deles, tinha estragado doze couros!

Novamente vieram a pedir e suplicar. Caíram de joelhos... Em vão! Pediram, pediram, depois foram embora, de cabeças pendentes.

O que fazer? O príncipe ficou triste, entristeceram-se os seus comandantes.

— Será que devemos mandar os mais jovens?

Mandaram, mas também estes nada conseguiram. Cirilo calava e arquejava, como se não fosse com ele. Tão furioso ficou por causa daqueles couros!

Então o príncipe refletiu e mandou para ele as crianças. Quando estas chegaram e começaram a pedir, quando se ajoelharam e choraram, o próprio Curtidor não agüentou, chorou com elas e disse:

— Tudo farei para vocês!

Foi ao palácio e disse ao príncipe:

— Dá-me doze barris de rezina e doze carroças de cânhamo!

Envolveu-se com o cânhamo, passou a rezinha por cima, pegou num enorme bastão de umas dez arrobas e foi de encontro ao dragão.

O dragão lhe perguntou:

— Pois bem, Cirilo, vieste em guerra ou vieste em paz?

— Como assim em paz? Vim lutar contigo, maldito monstro!

Começaram a luta — a terra retumbou. O dragão avançou e pegou Cirilo com os dentes, arrancando uma bocada de rezina. Avançou novamente e arrancou um punhado de cânhamo. E Cirilo, quando o acertava com seu imenso bastão, afundava-o na terra. O dragão ardia como fogo — sentia tanto calor que corria ao Dnieper para beber e pular na água, refrescando-se um pouco. Neste tempo, o Curtidor já se envolvia com o cânhamo e passava novamente resina por cima. O maldito dragão pulou fora da água, avançando contra o Curtidor, mas este o martelou com seu bastão até fazer eco. Lutaram, lutaram, levantaram poeira, espalhavam centelhas. Cirilo esquentou o dragão mais do que o ferreiro esquentava a bigorna no forno: o perverso fungava e se engasgava, e a terra gemia embaixo dele.

E o povo, ao redor, no alto das montanhas, sem respirar, apertando as mãos, esperava o que ia acontecer! Afinal a serpente tombou, fazendo a terra estremecer. O povo nas montanhas bateu palmas:

— Viva Cirilo! Viva o Curtidor!

Cirilo, depois de matar o dragão, libertou a princesa e entregou-a ao príncipe, que nem sabia como lhe agradecer!

A partir deste tempo, o lugar, onde se deu esta luta, é chamado de Vale do Curtidor.

ÍNDICE

	Pág.
PREFÁCIO	5
A LUVA	9
O BARÃO GATÃO KOTZKY	13
A CABRA BRIGUENTA	19
O BEZERRINHO DE PALHA	25
IRMÃZINHA RAPOSINHA E IRMÃO LOBO	31
A PRINCESA COM A ALMA DO OVO DENTRO DO CHOUPO	39
A PRINCESA-RÃ	45
O PÁSSARO DE FOGO E O LOBO	57
A JUSTIÇA E A INJUSTIÇA	65
O NAVIO VOADOR	75
O REI DO MAR E SUAS FILHAS	85
CIRILO-CURTIDOR	99

A 1522

